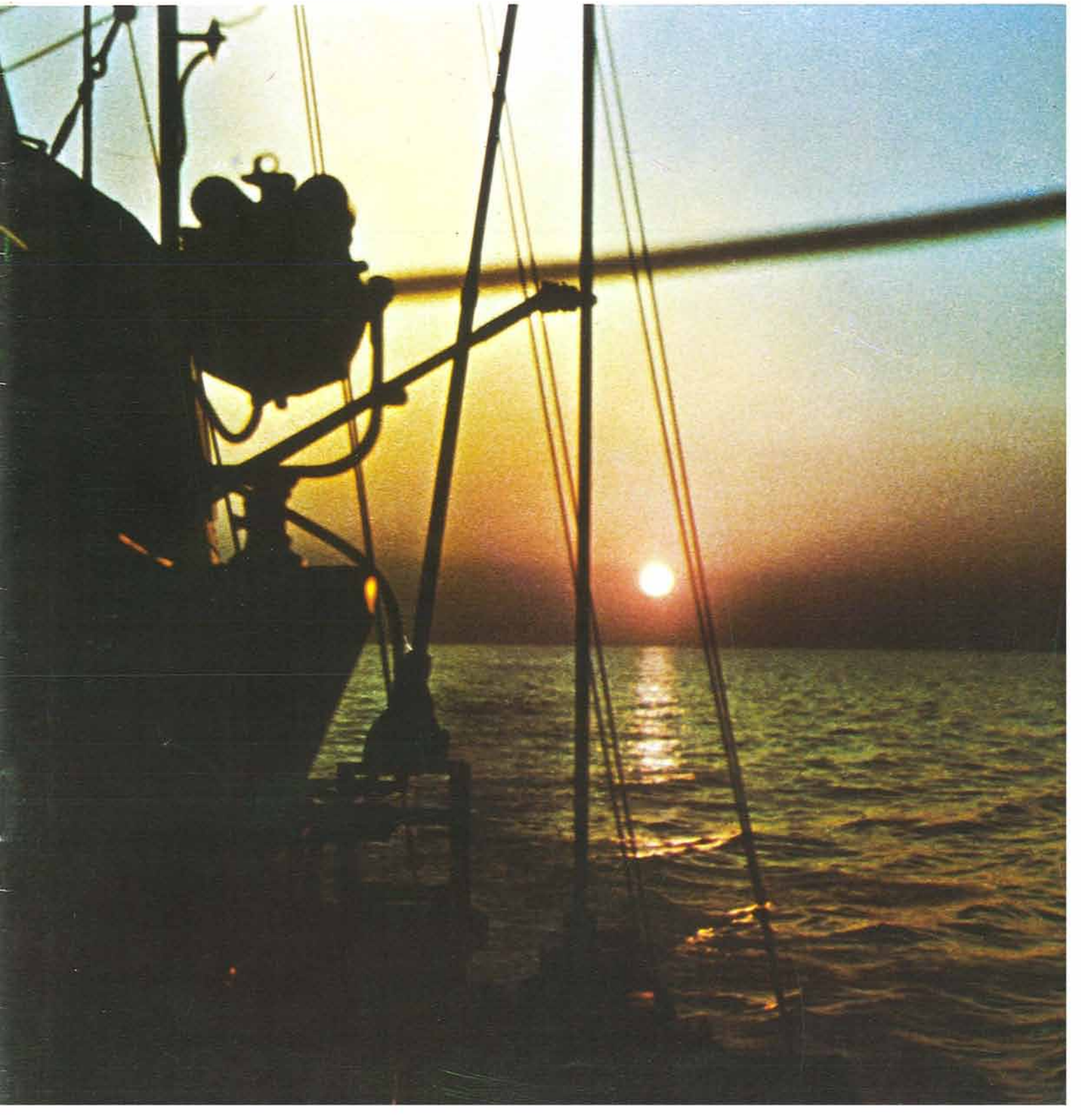
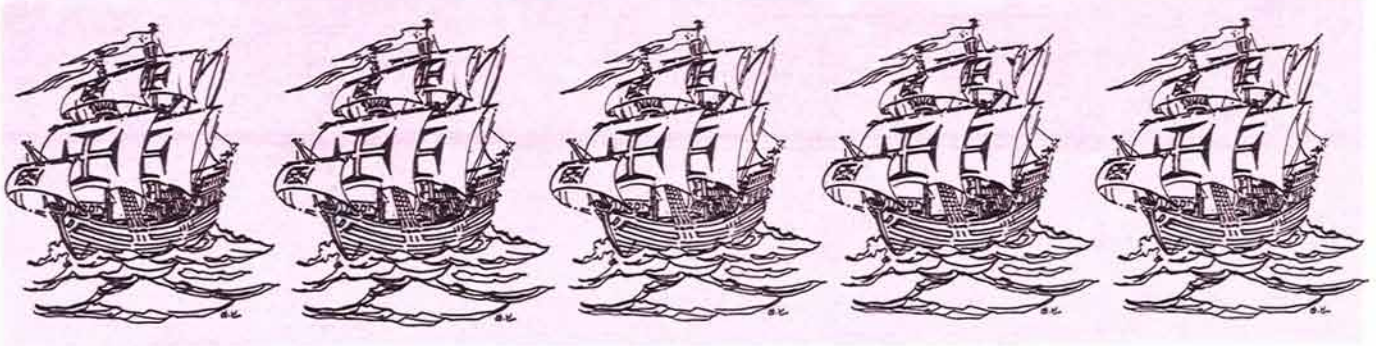
N.º 16 / JANEIRO 1973 / ANO II

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com cocha** **Respostas... Descochadas**	4
S. Machado	**Ultramar** Aproveitamento do Cunene	5
A. Chuquere	**Retalhos da Vida do Mar** «Senzanac – V. S. O. P.»	8
S. Elpídio	**Saibam Todos**	9
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	10
O. Lemos	**Bibliografia**	11
A. Neves	**Lisboa** – Tradições ligadas aos Descobrimentos	12
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Pintor António Carneiro *No Centenário do seu Nascimento*	14
H. Vilela	**Mutualismo entre os Animais Marinhos**	16
Redacção	**Voz da Abita**	17
H. Coentro	**Mar**	19
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	20
G. Brandão/A. Pinto	**Filatelia**	20
P. Caeiro	**Desportos**	22
V. Noronha/B. Carreira M. Horta	**Curiosidades**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	25
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 16/JANEIRO DE 1973/ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa

Quarto de Alva. Nasce o Sol, apagam-se os faróis
(Foto do asp. Costa Ramos)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

ANO VELHO
ANO NOVO

A vida não pára. Não há solução de continuidade no tempo. Logo que bate a 12.ª badalada da meia-noite de 31 de Dezembro, acaba um ano e começa outro.

Assim passou 1972 à História, no preciso momento em que 1973 entrava nela. Levou aquele consigo muita coisa: guerras, revoluções, tumultos, assassínios, prisões, fome... muita desgraça! Mas levou também algumas coisas boas: paz, vitórias da ciência e da técnica, êxitos da medicina contra a doença, progresso no campo social e no conforto geral... e, sobretudo, muitas esperanças num mundo melhor!

E na nossa Armada, que se passou?

Claro que é difícil meter numa «Nota de Abertura» todo o imenso trabalho de um ano. Mas uma coisa é certa: no mar ou em terra, no Ultramar ou na Metrópole, no ramo naval ou no do fomento, usando uniforme ou trajando à civil, todos deram o melhor do seu esforço para a prestigiar e engrandecer. Estou-me a lembrar do antigo Regimento de Sinais da Armada. Eu sei que ele foi revogado mas havia lá um sinal que não pode desaparecer e que ficará para sempre em vigor. É o n.º 100 – «A Armada nacional cumpriu o seu dever».

Dizia o dito Regimento, nas suas disposições gerais, que os sinais devem ser içados no local onde melhor se vejam.

A nossa Revista, ao terminar o ano de 1972, convencida que é hoje o lais da verga mais visível em toda a Armada, iça orgulhosamente o sinal 100 pela acção desenvolvida.

Para terminar esta nota, os nossos votos para 1973: **Que haja harmonia, compreensão, camaradagem e amizade entre todos os que devotadamente servem a Armada.**

M. do Vale

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JANEIRO

Em 14 de Janeiro de 1498, Vasco da Gama descobre o rio dos Bons Sinais, a norte do Zambeze, junto da actual Quelimane, e assim nomeado porque ali soube pelos mouros que em Moçambique poderia encontrar piloto que o levasse à Índia.

Em 11 de Janeiro de 1837, foi extinta a Academia Real de Marinha que, «criada em 1779, foi o estabelecimento desta época que, pelo merecimento dos homens que a compuseram, deu resultados superiores aos que se podiam esperar das acanhadas proporções da sua organização. Na carência de outras instituições mais adequadas, onde a mocidade estudiosa de Lisboa pudesse completar uma educação liberal, esta Academia supriu, até certo ponto, uma falta, admitindo nas suas aulas um grande número de alunos que, instruídos nos princípios das ciências matemáticas e astronómicas, concorreram para dar algum reflexo de luz nas trevas em que jazia um grande número dos habitantes da capital».

Em 22 de Janeiro de 1860, afundou-se o brigue «Mondego», quando regressava de Macau, perecendo 44 homens.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Perguntas... Com Cocha

1 – Âncora a pique afunda-se?
2 – Âncora à roça, onde faz fricção?
3 – A âncora china usa rabicho?
4 – Âncora da caridade é bondosa?
5 – A âncora da esperança permite que se espere confiantemente?
6 – Âncora de misericórdia é piedosa?
7 – Âncora de braços móveis acena?
8 – E âncora de cogumelo, em que terreno se cultiva?
9 – Âncora de engolir pode ficar atravessada na garganta?
10 – A âncora de salvação salva mesmo?

Respostas... Descochadas

1 – A âncora ou ferro está a pique quando tem a amarra normal à superfície da água, ou quase.

2 – A âncora ou ferro está à roça quando se encontra sob boças pronta a largar.

3 – A âncora china é um tipo de âncora que foi usado na China nos séculos XVII e XVIII, constituída por madeiras ou objectos contidos em armações ou gaiolas.

4 – A âncora da caridade era a âncora do porão dos antigos navios de linha, maior que a da misericórdia.

5 – Chama-se âncora ou ferro da esperança à âncora ou ferro da roça.

6 – Âncora ou ferro da misericórdia era a maior âncora de bordo; era usada apenas em ocasiões de grande perigo para aumentar a segurança do navio, pelo que, ao ser largada, se faziam orações com essa intenção.

7 – A âncora de braços móveis é a que permite que os seus braços se prolonguem com a haste.

8 – A âncora de cogumelo tem a forma de calote com a haste no centro e é usada especialmente em amarrações fixas.

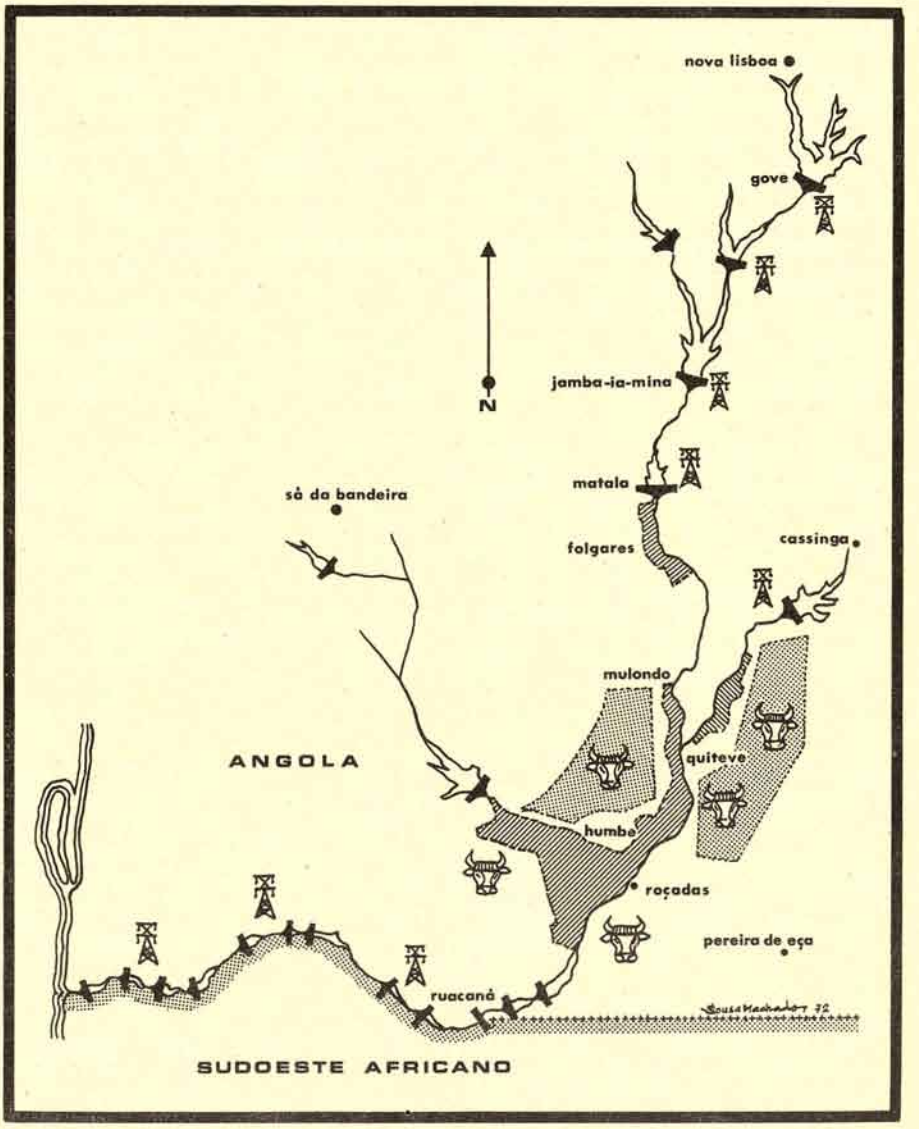
9 – A âncora ou ferro de engolir é aquele em que a haste entra totalmente no escovém, por não ter cepo.

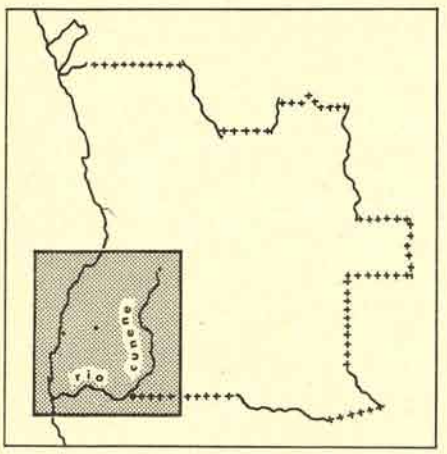
10 – Âncora de salvação é o mesmo que âncora da misericórdia.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

APROVEITAMENTO DO CUNENE

Uma das grandes obras de fomento em Angola





A todos quantos, mais de perto ou de longe são tocados pelo interesse de atentar na vida, na história, nos problemas das terras portuguesas do Ultramar, não surpreende encontrar, com certa frequência, páginas de feitos consagrados como heróicos, acontecimentos de há tão pouco tempo que são vivos ainda muitos dos seus intervenientes. Nomes colhidos ao acaso, como Naulila, Cuamato, Pereira d'Eça, Roçadas, Teixeira Pinto, falam-nos de lugares e de figuras que palpitam ainda de presença.

No Sul de Angola conhecemos velhos combatentes, caras enrugadas e curtidas, verdadeiras esculturas dos tempos, que todavia guardam ainda espíritos lúcidos e lembrados de muitos pormenores vividos. Alheados duma perspectiva de conjunto, que não abrangiam, desconheceram por certo as causas remotas ou próximas dos conflitos e as suas repercussões, mas reproduzem com minúcia as marchas penosas pelo mato, os tiros de emboscada, as lutas corpo a corpo em terreiro aberto. Reflectindo que o mesmo acontecerá nos dois campos

então antagónicos, adquire especial interesse determo-nos no estudo atento de atitudes, como também de anseios e de reacções de povos que temos agora dentro das fronteiras, mas foram então agitados, embora por interesses estranhos, contra nós. Os seus velhos de hoje foram os jovens de então. Os meninos que ouviram as histórias dos velhos são os homens que o destino põe hoje ao nosso lado.

Habitando indistintamente o Norte do Sudoeste Africano e o Sul da Huila, ou do mais jovem distrito de Angola, o Cuanhama é um povo inteiramente votado à pastorícia, criando com uma dedicação verdadeiramente excepcional manadas enormes de bovinos, tão numerosas que alguns sobas grandes, para darem ideia do número de cabeças que possuem, agarram um punhado de areia e dizem: sabes quantos grãos de areia estão aqui? Pois são tantos quantos os bois que eu tenho. Numa região que não excede muito o povo Cuanhama existe, com efeito, milhão e meio de cabeças de gado, número que traduz já, para quem não percebe muito de grãos de areia, uma ordem de grandeza que a estatística oficial confirma. A que é devida tamanha riqueza da mais velha unidade que o Homem usou para a definir – sem dúvida aos elementos fundamentais: os pastos e a água. Pastos com fartura, naturalmente bons, água quanta baste.

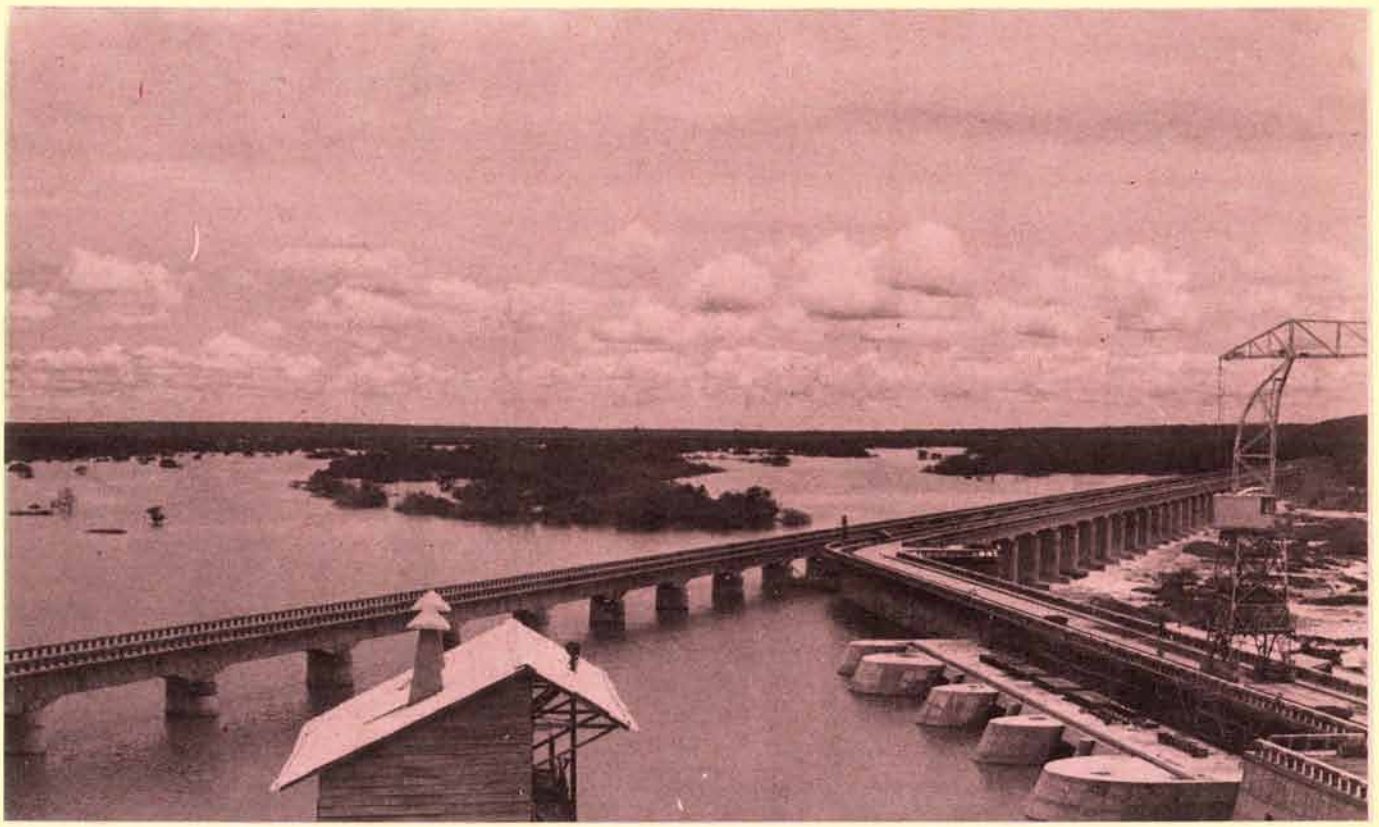
O gado, criado em grande liberdade, vai pastando nas imensas chanas e no interior das matas, deslocando-se instintivamente à procura de novos pastos. Há uma permanente migração em vaivém que tem por limites geográficos aproximados o curso inferior do Cunene, onde este grande rio inflecte para oeste, e as latitudes de Tchamutete e Chimporo, por alturas do curso médio do Cubango. Mas a água é um problema.

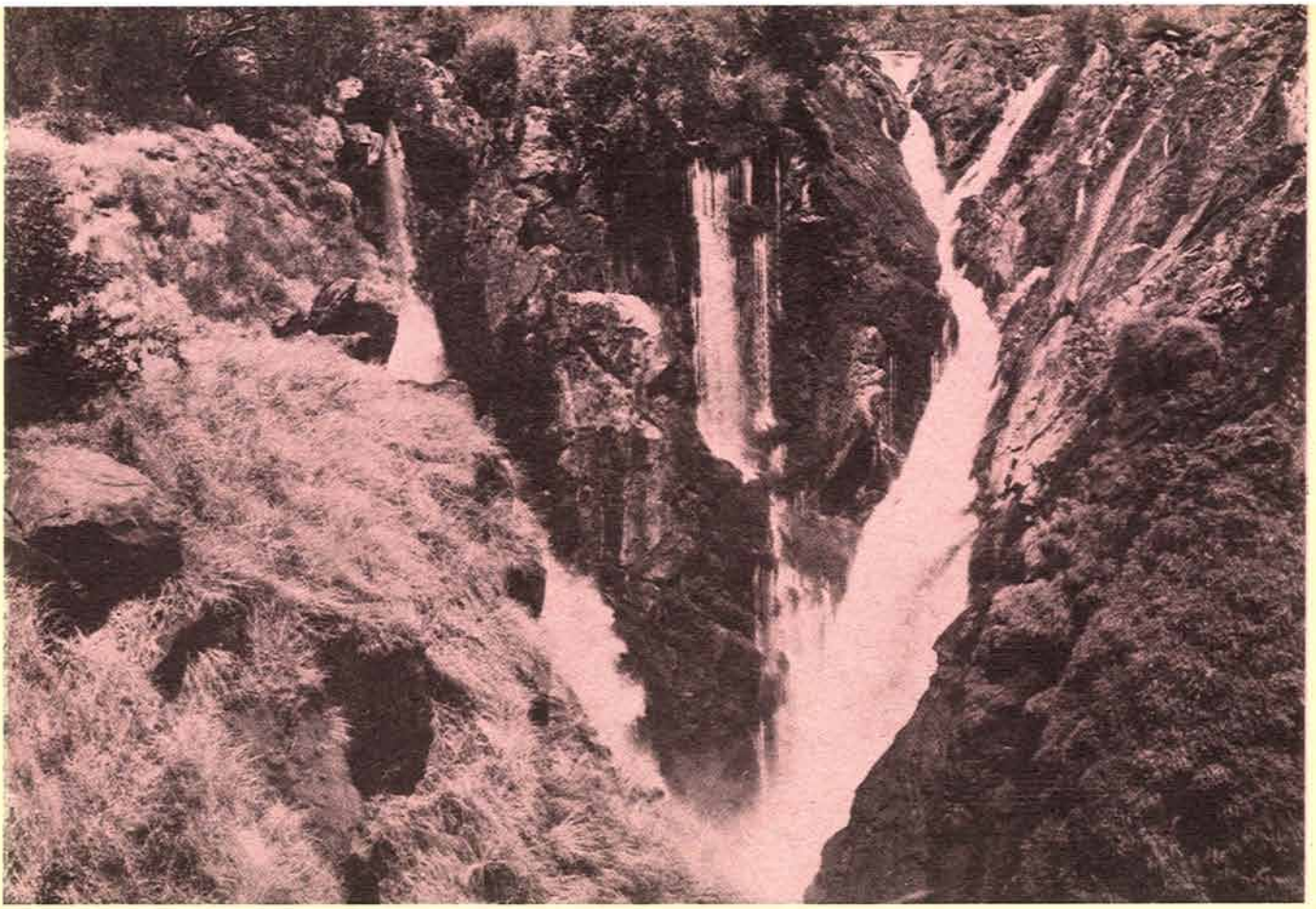
O regime do Cunene, como a Natureza o fez, tanto origina dezenas de quilómetros de terras inundadas, nalguns locais até à copa das árvores, como seca no leito reduzido a poucos palmos de água corrente quase imperceptível. Rio principal e afluentes deixam, na estiagem, de ser linhas de águas estáveis, contínuas, quase desaparecem.

Então, o gado morre. Morre de sede e de fome. De sede, evidentemente, porque lhe falta água. De fome, porque, juntando-se em número incomparável para a quantidade de alimento junto dos pontos de água, deixa de ter também que comer. Como fenómeno de reflexo a mais longo prazo, acontece ainda que o pisoteio exagerado contribui para a degradação dos solos superficiais ajudando à erosão.

Os resultados, em termos numéricos, são impressionantes: no Cuanhama, morrem todos os anos 40 a 50 mil cabeças de gado, na época de estiagem. Carcaças, por cima das quais rodopiam bandos de abutres, chegam a fazer parte da paisagem. As soluções empreendidas até hoje não têm ultrapassado a multiplicação de pontos de água em quantidades restritas, que não chegam a impedir a sobrecarga do armentio, de tal sorte que os pastos desaparecem mesmo

Matala





Quedas do Ruacaná

antes da água, chegando-se à conclusão insólita de acabar por condenar o gado a morrer de fome quando se pretendia mantê-lo vivo matando-lhe a sede. Apenas a dimensão, ou gravidade do problema, se reduz.

Não sendo eficientes nem chimpacas nem furos artesianos, a sobrevivência do gado como base duma evolução no sentido de maior produção de riqueza só pode assentar em água abundante distribuída pela área de pastos disponíveis. Esta ideia, sem dúvida de equacionamento simples, não se consegue todavia sem uma obra imensa de regularização dos caudais da bacia hidrográfica do Cunene. Desde os afluentes ao curso principal do rio, a normalização de um caudal regular exige a retenção das águas que os alimentem em excesso para débito subsequente quando falhe a origem pluviométrica. E isto consegue-se, lògicamente, construindo represas. Os primeiros estudos para a regularização e aproveitamento das águas do Cunene vêm de 1926, demorando todavia 20 anos até princípio de concretização, no papel, dum esquema de obra. Haviam de passar, no entanto, outros vinte e cinco anos antes de se iniciarem as obras pròpriamente dias, se excluirmos a barragem da Matala, de facto já participante naquele conjunto regularizador.

O actual esquema de regularização de caudais prevê 28 aproveitamentos localizados no Cunene e afluentes. Mais de meio milhão de hectares de bons solos se transformarão em regadio e servirão à fixação humana. A primeira represa desta vasta obra será na região do Gove, em muro de terra compactada com mais de mil metros de extensão, 58 metros de altura e mais de quatro milhões de metros cúbicos de aterro, cabendo-lhe armazenar um volume de águas superior a duas vezes o da barragem de Castelo do Bode. Esta será também a maior obra de todo o empreendimento do Cunene, e deverá ficar concluída já em 1974.

Completada a obra de regularização do Cunene, dar-se-á a todo o Cuanhama a maior e mais positiva ajuda que um povo pastoril pode ter. Admita-se todavia que hábitos ancestrais, entrados num ritual quase religioso só com dificuldade se removerão. As liberdades dos grandes espaços têm de submeter-se à disciplina de um parqueamento indispensável, de rotação de pastagens, de reprodução controlada, de ensilamento de forragens, de selecção e melhoramento de estirpes. Tudo isso, um povo que só conheceu até agora como limites, o céu e o horizonte, não o aceitará da noite para o dia. Mas a consciência de benefícios recebidos, postos a claro, como ajuda positiva, palpável, evidente, dá ao Homem, tenha a civilização que tiver, uma capacidade grande de aceitação. As obras quase sempre falam mais que as palavras.

S. Machado
Cap.-frag.

RETALHOS DA VIDA DO MAR

"SENZANAC – V.S.O.P."

Em tempos não muito distantes, saiu para comissão no Ultramar um navio da nossa Armada cuja guarnição de oficiais dentro em breve viria a constituir uma «câmara» muito aprazível, na qual o ambiente de camaradagem e amizade sempre foi notório, daquelas «câmaras», enfim, que valiam uma comissão.

Viveu-se, assim, sempre em franca harmonia e durante os longos meses que a comissão durou não me recordo de nenhum momento em que algum paspalhão de discórdia ensombrasse as relações ou as tornasse menos cordiais, antes me lembro, sim, de muitas e muitas histórias, que demonstram o bom viver quotidiano, embora tivesse havido dias bem difíceis, pois, como comodidade, a comissão não foi pròpriamente o que se chama uma viagem de recreio.

Dentre os muitos episódios passados, recordo-me que a certa altura, porque se havia criado um clima de «partidas», que era uso fazerem-se uns aos outros, sucedeu o seguinte, que vou tentar contar:

Há muito que vinha a acontecer, na hora das refeições e principalmente ao jantar, quando determinado oficial, na altura do café, pedia esta ou aquela bebida ao despenseiro, que havia logo uns tantos camaradas «que também queriam» e que se faziam servir dessas mesmas bebidas, como se o facto do primeiro as querer tomar despertasse nos segundos um apetite simultâneo de as saborear do tipo «bebo quando bebem os amigos».

De há muito também que esse tal oficial (o que gostava de néctares alcoólicos!) se vinha a aperceber do facto dos seus camaradas, nem sempre os mesmos, claro, mas sempre mais de dois ou três, quererem «provar» aquilo que ele pedia, por ser conhecedor de gosto requintado.

Então surgiu a ideia da «partida»! De cumplicidade com outro camarada, os dois chamaram, uma tarde, o despenseiro a quem ordenaram a confecção de uma «mistela explosiva» que «não seria brincadeira de crianças», já que entre outros ingredientes, cujas qualidades e porções presentemente à memória me falham, a tal «bebida atómica engarrafada» continha: pimenta preta, um pacote; mostarda em pó, da inglesa, «tipo sinapismo», uma colher de sopa; vinagre, uma garrafa; piripiri, um frasco (q. b.)!

Recordo-me também que o despenseiro estava assustado e foi necessário esse oficial, o da ideia, assegurar-lhe que não haveria mal e que toda a responsabilidade de alguma «explosão pessoal» seria do próprio, ilibando-o, assim, a ele, despenseiro, de qualquer culpa no cartório.

Uma vez o «licor» preparado e após vertido para a garrafa de rótulo vistoso, que no acto de servir passaria despercebido, arranjou-se um nome e assim foi logo baptizada a intragável mistura de LICOR SENZANAC, que seria apresentado como um néctar próprio para consumo de entendidos, muito apreciado em reuniões selectas, com fama de «ser muito bom e muito caro»!

E assim, no fim da refeição do jantar, a cena desenrolou-se conforme fora previsto.

(Passemos à «acção» teatral)

1.º-oficial: «Ó despenseiro, tens cá SENZANAC?»

Despenseiro: «Tenho sim, sr. tenente, e é do bom!»

1.º-oficial: «Então serve-me um cálice com o café.»

2.º-oficial (cúmplice, indivíduo que era raro beber): «Ah! Não sabia que havia cá SENZANAC, o único licor que eu bebia na Índia... Ó despenseiro, traz-me também um cálice...»

(E estava lançado o rastilho...)

Imediatamente, mais três oficiais quiseram provar! E provaram...

Resultado: um vómito e duas bocas queimadas, cujos efeitos ainda por algum tempo perduraram! Mas o remédio foi santo. Nunca mais durante a comissão alguém pediu alguma coisa «por simpatia», sem saber o que era e sem saber se gostava.

Só resta dizer que todos continuaram amigos e que ainda hoje a cena é recordada pelas personagens com gargalhadas, pese a que, embora não estivesse no programa, um dos «queimados» tivesse sido o oficial imediato!

A. Chuquere
Cap.-frag.

saibam todos

Que o comandante de uma unidade naval, quando no mar, se avistar uma garrafa flutuando ou outro objecto da mesma natureza, determinará que este seja recolhido. Se contiver um pedido de socorro, tomá-lo-á em consideração; se tiver sido lançado para estudo de correntes, dará conhecimento do facto às entidades competentes.

Que nos navios de guerra as horas batidas no sino de bordo são assinaladas pela forma seguinte:

Meia hora – uma badalada singela.
Hora – uma badalada dobrada.
Hora e meia – uma badalada dobrada e uma singela.
Duas horas – duas badaladas dobradas.
Duas horas e meia – duas badaladas dobradas e uma singela.
Três horas – três badaladas dobradas.
Três horas e meia – três badaladas dobradas e uma singela.
Quatro horas – quatro badaladas dobradas.

Que a bordo, as sentinelas, desde a hora do silêncio até ao toque da alvorada, deverão bradar «àlerta», cada meia hora, quando ouvirem bater as horas, começando pela da popa, seguindo-se as de bombordo, de ré para vante, e de proa e, finalmente, as de estibordo, de vante para ré.

Que foi criada uma nova especialização – a de informática –, além das já existentes, para ampliação dos conhecimentos profissionais dos oficiais subalternos do activo.

Que os oficiais do serviço especial passam a frequentar o curso geral naval de guerra.

Que a entrada de navios de guerra estrangeiros em território nacional, a não ser que se efectue a convite do Governo português ou esteja regulada por acordo especial, requer autorização solicitada por via diplomática, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Que aos oficiais dos navios de guerra estrangeiros é permitido desembarcar com as suas espadas; quando no uso de licença podem desembarcar livremente, mesmo em trajo civil.

Que não é permitido aos submarinos estrangeiros entrar submersos ou imergir em águas territoriais portuguesas.

Que os navios da Armada em viagem de instrução de cadetes ou aspirantes, devem prestar homenagem ao Infante D. Henrique, ao largo da ponta de Sagres, desde que as condições de tempo e a hora permitam e que o navio navegue suficientemente perto de terra para que a homenagem tenha significado.

Que esta homenagem consiste na formatura da guarnição, toque de sentido ou sinal de apito, embandeiramento nos topes, alocução proferida por um dos oficiais da guarnição aos aspirantes ou cadetes e execução do hino nacional ou toque da marcha de continência.

Que a Banda da Armada estreou recentemente novos tambores e um bombo, de modelo e fabrico ingleses e com decoração apropriada.

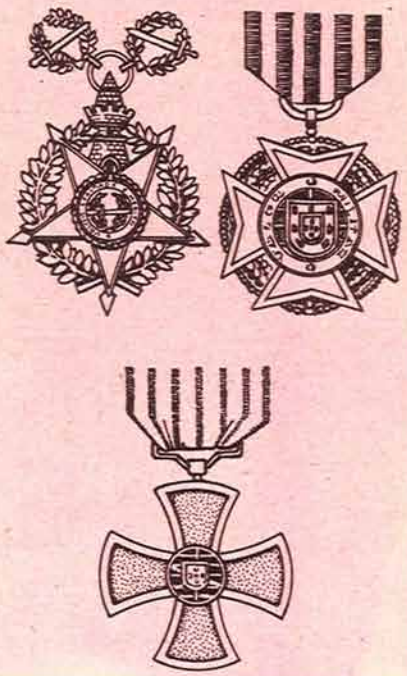
a Pátria honrai

Por ter revelado possuir em elevado grau coragem, grande destemor e serena energia debaixo de fogo, o 1.º-tenente LUÍS ALBERTO CRISTIANO DE OLIVEIRA tornou-se merecedor da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que lhe foi conferida.

Oficial imediato do Destacamento N.º 11 de Fuzileiros Especiais, agiu sempre de maneira a obter óptimos resultados nas operações em que a sua unidade participou, alguns deles considerados verdadeiros êxitos, demonstrando assim possuir elevadas qualidades de chefe e de condutor de homens.

Numa destas operações conduziu o seu pessoal por forma deveras notável, tendo apreendido grande quantidade de armamento e feito suportar ao inimigo pesadas baixas.

Noutra operação, já no local do objectivo, um grupo inimigo rompeu fogo, mas a reacção enérgica e pronta do 1.º-tenente CRISTIANO DE OLIVEIRA e do pessoal sob o seu comando fê-lo pôr em fuga, tendo-se recuperado cerca de vinte elementos da população que se encontravam sob controlo do inimigo.



N. R.: *O 1.º-tenente CRISTIANO DE OLIVEIRA é natural de Lisboa.*

bibliografia

O TRIGO E O JOIO – *por Fernando Namora*

Publicações Europa-América distribuíram recentemente a 8.ª edição daquela obra-prima de Fernando Namora. A edição é prefaciada por Jorge Amado que deu às suas considerações o título de «Namora, Mestre do Romance».

CÂNTICO FINAL – *por Vergílio Ferreira*

Para início da sua nova colecção «Livro de Bolso Portugália», esta editora acaba de lançar a 3.ª edição do romance «Cântico Final» de Vergílio Ferreira.

VERSOS E ALGUMA PROSA DE LUÍS DE CAMÕES – *por Eugénio de Andrade*

Adentro das comemorações do centenário da publicação de «Os Lusíadas», organizou Eugénio de Andrade uma antologia de versos e escritos do poeta, cujo critério selectivo pendeu para a feição lírica da obra camoneana. Nesta antologia, não é pois o épico que se procura, mas sim o poeta do amor, da saudade e do desengano. O prefácio da obra é também da autoria de Eugénio de Andrade.

ALMA NEGRA E OUTRAS ALMAS – *por Bento Gouveia*

Este volume de novelas, crónicas de viagens e memórias que Bento Gouveia acaba de publicar apresenta-se estruturado em seis partes: «Alma Negra», «Gente das Letras», «Dia-a-Dia», «Pontos Cardeais», «Romances» e «Outras Almas».

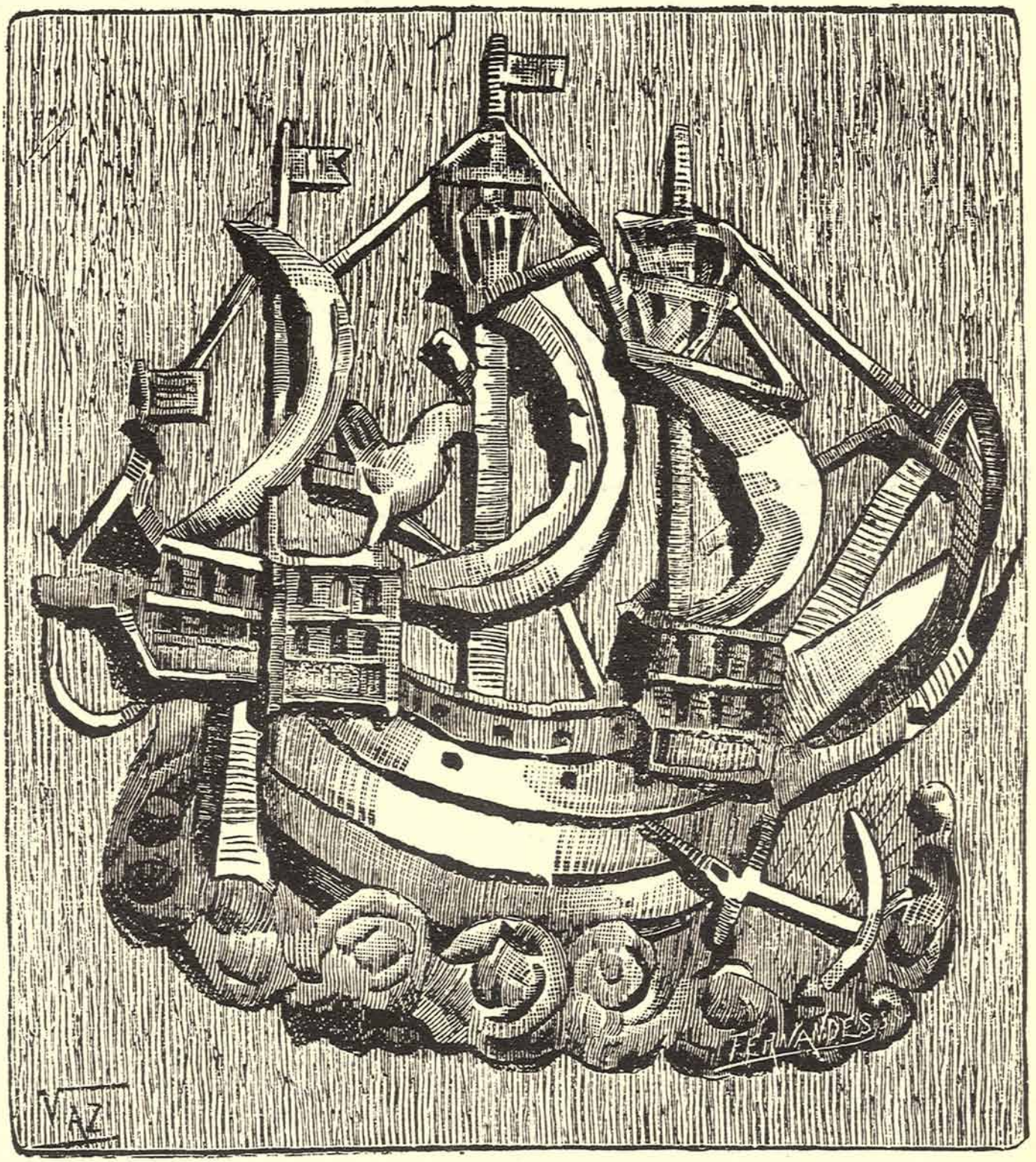
A MANIPULAÇÃO DO ESPÍRITO – *por Theo Lobsak*

Em edição de Estúdios Cor, apareceu há pouco em tradução portuguesa esta obra célebre de Lobsak. Trata-se de um ensaio onde se analisam os efeitos da ciência sobre o espírito, conducentes por vezes à alienação deste no contexto socio-cultural do nosso tempo.

O. Lemos
Cap.-frag.

LISBOA

Lápide da Bica do Desterro, em Lisboa



- Tradições ligadas aos Descobrimentos

Nos seus sonhos de aventura e de engrandecimento pátrio, o português olha o mar como promessa e o Tejo como ponto de partida e chegada de suas viagens.

Seria de esperar que Lisboa se encontrasse repleta de obras de arte e tradições da época de ouro dos Descobrimentos a lembrar-nos a vida e os feitos de nobres marinheiros que, pelas misteriosas rotas da América, de África, da Ásia e da Oceânia conceberam sonhos de grandeza.

A azáfama das construções navais, o provimento das esquadras que saíam constantemente em busca de fortuna ou para guarnecer as praças do Brasil, de África e do Oriente, atraíam gente para as praias de Lisboa aumentando as actividades nas margens do Tejo.

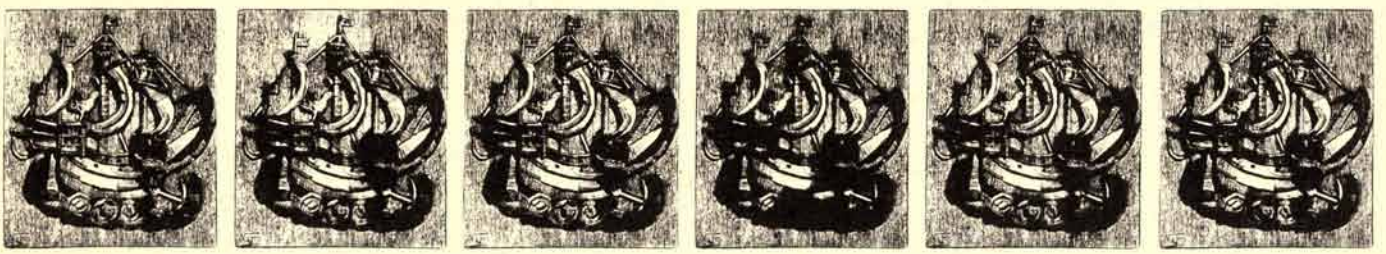
Entre os mais variados misteres dessa multidão heterogénea, cedo apareceram na praça da Ribeira os fritadores de peixe que ocuparam, primitivamente, o sítio do «Malcozinhado» e logo se tornam vendedores ambulantes e se espalham por toda a cidade, tornando-se úteis e necessários às classes mais humildes que neles encontravam preparadas refeições por pouco dinheiro. O peixe esteve durante muitos anos na base alimentar do povo, da burguesia e dos nobres de Lisboa, mantendo estes as aparências fazendo-o servir por criados de libré. Desta arte, o grande aparato de muitos barões de parcas possibilidades, que comiam o peixe com salada de alface, era motivo de zombaria para os humildes, que começaram a chamá-los pela alcunha de «alfacinhas», que se generalizou a todos os lisboetas.

A curtos passos do Tejo encontra-se o chafariz de El-Rei, cuja glória se liga ao feliz sucesso dos Descobrimentos, visto que a sua água, que tinha fama de tornar bonitas e coradas as mulheres, matou muitas vezes a sede às sequiosas guarnições das nossas caravelas, nas sete partidas do Mundo. Ao lado, na Rua de S. João da Praça, podemos admirar uma nau em relevo e uma caravela admiràvelmente burilada por mão de mestre, venerandas relíquias dessa época gloriosa. Emudecidas pela distância dos séculos e a ingratidão dos homens, estas e outras marcas espalhadas pelas ruas seculares, onde ainda não chegou o camartelo do progresso, continuam a existir nas fachadas e sobreportas das casas de antigos mareantes, descuradas das vereações e dos estudiosos de motivos olissiponenses, enquanto não chega o seu fim.

Do palácio que o Infante D. Henrique doou à Universidade, para que em casas próprias se lessem e fizessem seus autos, apenas resta o Pátio dos Quintalinhos. Porém, das ilustres e notabilíssimas Escolas Gerais de Lisboa, dos seus sábios lentes e dos seus alunos, muito aproveitou o progresso. Foram os marinheiros e os estudantes que nobilitaram a raça lusa e acrescentaram a Portugal Continental vastas possessões nos restantes continentes, onde implantaram a civilização ocidental e a fé cristã, fazendo-as crescer e frutificar.

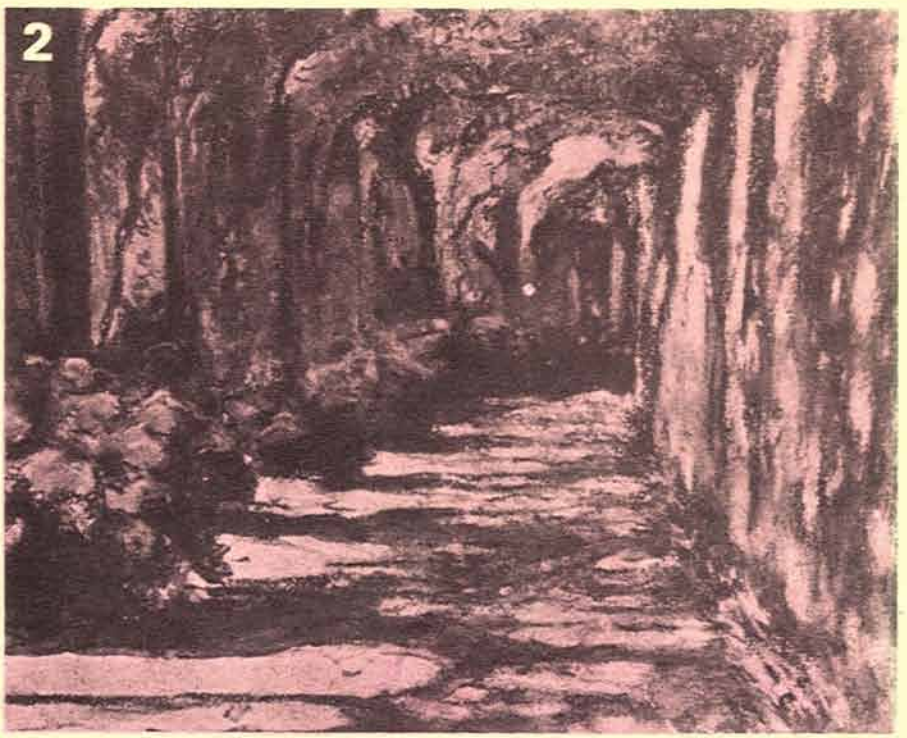
Vasculhando a História e a Tradição, verificamos que nos restam ainda recordações da nossa gigantesca epopeia marítima, encadeadas com os demais acontecimentos nacionais desta marinheira Lisboa que olha, sonha e vive do mar e para o mar.

Acácio Neves
1.º-sarg. H

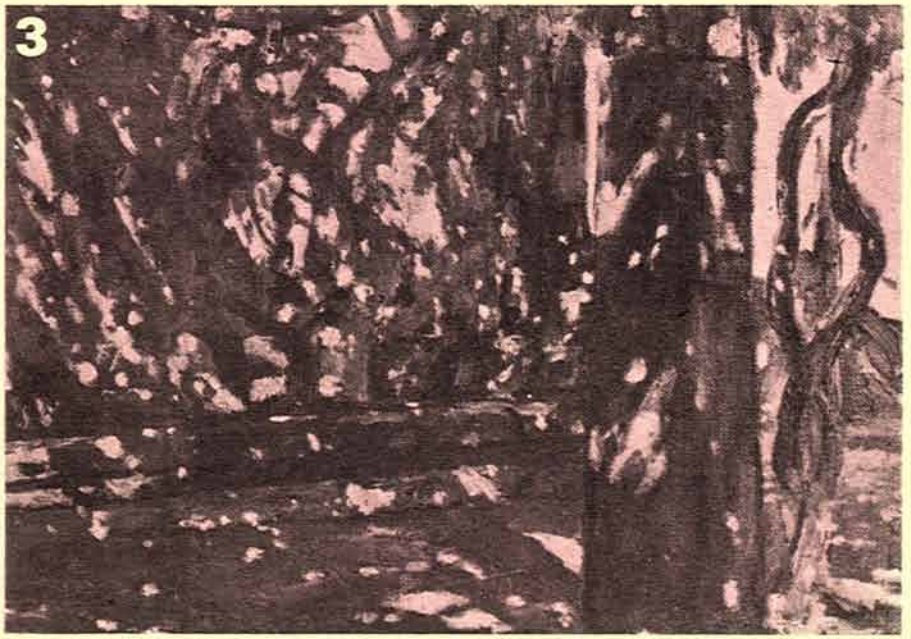


O Pintor António Carneiro

no centenário do seu nascimento



Recordou-se em Novembro último, de forma especial, quer através de exposições retrospectivas quer através de sessões especiais e conferências, a obra do pintor António Carneiro. Ela abrange um período largo em que a pintura sofreu uma evolução profunda, desde o impressionismo do fim do século até à modernidade. António Carneiro nasceu em Amarante, em 16 de Novembro de 1872, e veio a morrer no Porto, em 31 de Março de 1930. Permaneceu nesta cidade durante largos períodos da sua vida de artista, razão por que foi no Porto que a maior parte dos actos públicos comemorativos da efeméride teve lugar. Cursou a Escola de Belas-Artes do Porto de 1890 a 1896. Frequentou depois a Academia Julien, de Paris, onde foi discípulo de Benjamim Constant. A sua formação académica assegurou-lhe uma técnica impecável que se traduzia num desenho de pureza, facilidade e leveza admiráveis. Estes recursos transpareciam na segurança, expressão, originalidade e vigor dos seus retratos, dos quais o mais célebre – o de sua esposa – foi considerado, na Exposição de Madrid, onde foi exposto, uma verdadeira obra-prima. O seu traço incisivo possibilitava-lhe retratar, a sanguínea, personalidades da época em desenhos que fizeram sensação. Nas aguarelas que pintava era um cultor da mancha larga, dominando perfeitamente esta técnica que chegava a influenciar os seus quadros a óleo. Veja-se, por exemplo, o quadro «Melgaço» em que pràticamente três manchas quase chegaram para a interpretação do motivo.



1
«Melgaço» – óleo de 1920

2
«Jardim» – pastel sobre papel de 1922

3
«Pátio» – óleo de 1927

4
«Crianças ao Sol» – sem data

5
«Sinfonia Azul» – óleo de 1920

interior, onde tirava sempre partido da distribuição da luz sobre o modelo em exercícios de claro-escuro em que muito se comprazia. A «Sinfonia Azul», de 1920, é um exemplo disso. António Carneiro manteve-se sempre alheio a vanguardismos exagerados e permaneceu um pintor figurativo. A sua vasta obra encontra-se dispersa por museus e colecções particulares, tanto nacionais como estrangeiros. Muitas vezes premiado, deixou também o seu nome ligado à decoração de edifícios, como a da sala de leitura do Palácio da Bolsa no Porto. Entre os seus quadros mais conhecidos figuram «Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de S. Domingos», o «Tríptico da Vida», a «A Fonte do Bem» e o «Ecce Homo».

António Carneiro foi sensível à explosão luminosa dos impressionistas e foi seduzido pela luz e cor da Natureza e dos seus momentos singulares. Gostava de «brincar» com os jogos de luz e sombra nas áleas e caminhos cobertos de folhagem, como em «Jardim», de 1922, e «Pátio», de 1927. Trabalhou a figura com mestria quer em ambiente de ar livre, procurando captar os efeitos da luz e cor, como em «Crianças ao Sol», quer em ambientes de

António Carneiro foi igualmente poeta, e os sonetos que compôs têm inegável beleza formal.

É o pai do pintor Carlos Carneiro e do compositor Cláudio Carneiro. Os quadros que reproduzimos são da colecção de Augusto Vieira de Abreu.

O. Lemos
Cap.frag.

ciências artes e letras

mutualismo entre os animais marinhos

A fauna marinha é extremamente diversificada. Para se fazer ideia da sua variedade bastará dizer-se que, segundo estimativas de consagrados cientistas, das 47 classes de animais existentes no Mundo apenas 3 não estão representados no mar e, em contrapartida, 19 são exclusivamente marinhas.

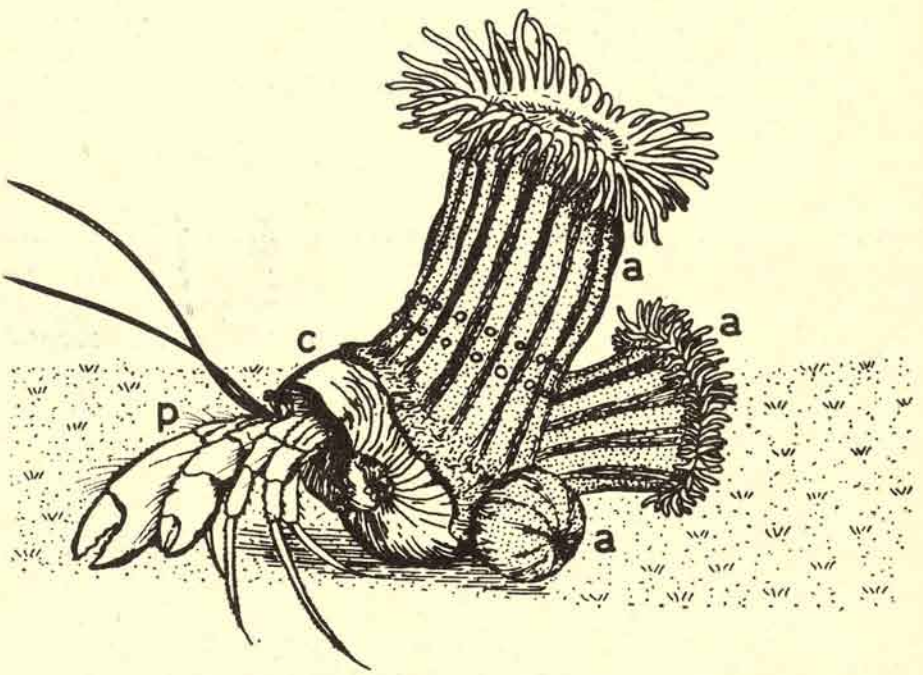
Entre as numerosas espécies, muitos milhares, que se integram nessas classes, estabelece-se frequente luta pela satisfação das suas necessidades vitais, principalmente pela conquista de alimentos, com natural triunfo dos mais fortes ou mais aptos.

Remediando a sua inferioridade, muitos animais, pertencentes a diferentes espécies, constituem associações, que se denominam «biocenoses» se do facto não resultar prejuízo para qualquer dos componentes.

Se só uma das espécies beneficia, constitui-se um tipo de simbiose denominado «comensalismo»; se ambas aproveitam, realiza-se o tipo de simbiose chamado «mutualismo».

São muitos os casos de mutualismo nos animais marinhos. Entre os mais conhecidos figura o estabelecido entre os crustáceos vulgarmente denominados «paguros ou casas roubadas» e os celenterados conhecidos por «anémonas do mar»; uns e outros abundantes no litoral do País. Que vantagens tiram estes animais da sua associação?

O paguro, provido de abdómen mole, instala-se na concha vazia de um molusco gastrópode (búzio ou caracol do mar), mas nem mesmo assim deixa de ser vulnerável à acção dos seus inimigos, dos seus predadores. Por isso se associa com as anémonas do mar, que instala sobre a concha que transporta. As anémonas asseguram ao paguro a defesa de que ele carece e deixam ainda ao seu alcance a parte desperdiçada dos alimentos que conquistam, enquanto os devoram. As anémonas, animais sedentários, fixos sobre diversos suportes, têm limitadas possibilidades de colher os alimentos de que carecem dada a sua imobilidade. Aproveitando o transporte que o paguro lhes proporciona, têm maior probabilidade de exercer com êxito a sua caça. Enfrentam os seus inimigos e conquistam as suas vítimas mercê de umas «armas» que possuem nos tentáculos que rodeiam a boca. Estas armas, chamemos-lhes assim, são células que quando contactam o corpo do inimigo ou a vítima injectam nele um líquido corrosivo, urticante, que o afasta, o imobiliza ou o torna presa fácil.



Exemplo de mutualismo entre animais marinhos; extr.º de G. L. Clarke, «Elem. of Ecology», 1954: a – *anémona do mar;* c – *concha;* p – *paguro*

H. Vilela

voz da abita

De Álvaro Pimentel Cunha, correspondente do «Diário de Notícias» em Porto Salvo e colaborador da imprensa regional, recebemos um trabalho acompanhado de uma carta, de que transcrevemos:

«O signatário, residente há 62 anos nesta localidade (...), provido do culto da recordação, das horas solenes e da gratidão, muito gosto teria se V. aceitasse também a minha colaboração na «Revista da Armada» para a qual, com muita satisfação, ofereço (...), trabalho extraído da secção naval do meu fértil arquivo de recordações.

«Muito prezo em afirmar que fui o sugestionador, em 1968, da oferta de bandeiras pelos municípios de Leiria, Palmela, Ponta Delgada e Celorico da Beira às fragatas «Comandante João Belo», «Comandante Hermenegildo Capelo», «Comandante Roberto Ivens» e «Comandante Sacadura Cabral» (...).

«Pensei e procedi dessa maneira, sem pretender regatear homenagens, louvores ou remunerações seja de quem for; mas sim, porque me sinto preso de alma e coração a tais assuntos, dando impressão muitas vezes que tenho a Marinha em minha casa; tal é o meu entusiasmo, que desde muito novo tem iluminado o meu espírito e muito mais – porque estou residindo aqui desde 1910 – nesta terra de onde se avista um soberbo panorama sobre uma parte do Tejo e sobre o oceano desde o cabo Espichel a Cascais; por isso, desde muito novo, tenho estado ao facto dos assuntos não só da nossa Armada como também das Marinhas estrangeiras. Por isto tudo, muito gosto faço que a «Revista da Armada», aceitando a minha modesta mas vibrante colaboração, publicasse os meus trabalhos sob o título «Recordações Navais» que todos os marinheiros, em especial os de ontem, gostariam de ler para avivar no pensamento os dias de glória em que serviram a sua Armada.

«Quando vejo os nossos navios de guerra transporem a barra, subirem ou descerem o Tejo, creia, senhor director, sinto-me por vezes electrizado – tal a maneira desta sincera e elevada devoção.

«Digne-se V. desculpar a amplitude desta minha carta e aceitar os meus afectuosos cumprimentos.»

«Porto Salvo, hoje uma grande povoação de perto de 6 mil habitantes, está situada a 3 quilómetros das vilas de Oeiras e de Paço de Arcos. Foi fundada por navegantes, segundo consta, por alturas do ano de 1500.»

N. R.: *A «Revista da Armada» aceita e agradece a colaboração proposta, condicionando a sua publicação à aprovação da Redacção.*

* * * * * * * * * *

De José Manuel Cortes Mourraia, mar. CM, em serviço na Esquadrilha de Lanchas da Guiné, recebemos uma carta da qual transcrevemos:

«(...) Num momento das minhas horas de lazer elaborei dois passatempos que julguei poderem servir para publicação na nossa Revista, que com tanto agrado leio todos os meses.

«(...) Assim, peço que, se forem aceitáveis, os transmitam à nossa Corporação por intermédio da «Revista da Armada».

«Espero ter colaborado. Muito respeitosamente me subscrevo.»

N. R.: *Agradecemos a colaboração enviada, que será apreciada pela nossa Redacção e publicada se for caso disso.*

* * * * * * * * * *

De Joaquim M. Loureiro Correia, mar. L, em serviço na Escola de Alunos Marinheiros, recebemos a seguinte carta:

«Enviando a V. Ex.ª os meus mais respeitosos cumprimentos, quero desde já pedir desculpa se me tornar inoportuno com estas minhas poucas palavras.

«Antes, porém, de ir ao assunto que me levou a escrever, não quero deixar de enviar algumas modestas palavras de apreço para a nossa Revista que V. Ex.ª tão superiormente dirige. E digo «nossa» Revista pois tornou-se a Revista de todos nós, dado que nos transmite algo da grande família que é a Armada.

«O senhor director não fará, talvez, a mínima ideia do interesse com que a «Revista da Armada» é esperada todos os meses. Direi mesmo, com ansiedade.

«(...) até que chegue o número seguinte, a nossa Revista vai passando de mão em mão, sendo lida e relida com verdadeiro prazer e interesse. Todos nós a vamos guardando, número a número, com gosto.

«Daí, um «pequeno grupo» cá da Escola de Alunos teve a lembrança de solicitar a criação de uma pasta-arquivo. Todavia ao lermos no número de Novembro o aparecimento da bem bonita e desejada capa para a nossa Revista, a nossa alegria foi expontânea. «Ficamos assim com a certeza de que à frente da «Revista da

Armada» se encontra um lote de colaboradores que nos ultrapassa na dedicação à nossa Revista.
«Solicito, assim, a V. Ex.ª, o envio de uma pasta-arquivo (...).
«Agradecendo toda a atenção que me possa ser prestada, cumprimento respeitosamente (...).»

* * * * * * * * * *

CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1947

Da Comissão Organizadora da Confraternização do Recrutamento de 1947 recebemos uma circular de que transcrevemos:

«Caro 'Filho da Escola'»:
«Ao endereçar-te os melhores votos de felicidades, quero comunicar-te que, à semelhança da confraternização anterior, é nosso desejo reunirmo-nos novamente para voltarmos a confraternizar.
«O programa desta confraternização, a realizar no dia 14 de Janeiro corrente, está assim elaborado: concentração às 10 horas na Avenida da Liberdade, junto do Monumento dos Combatentes da Grande Guerra, no qual será colocada uma palma, seguindo-se o embarque em autocarros para o local onde será servido o almoço.
«(...) Aguardamos a tua presença. Abraçam-te os 'Filhos da Escola' que constituem a Comissão Organizadora.»

FUZILEIRO

I
Quando no mundo nasceste
Teu destino foi marcado,
Defenderes a tua Pátria
Lutando como soldado.

II
Pela Armada foi chamado
A cumprir o seu dever,
Vencer todos os perigos
Sem ter medo de morrer.

III
A vida é triste e cruel
Por vezes justa e leal,
Assim és tu Marinheiro
Defendendo Portugal

IV
Ao som da marcha de guerra
Avanças por aí além,
Corres todos os perigos
Sem teres medo de ninguém.

V
Na solidão do capim
O valente Fuzileiro
Nas horas de grande perigo
É ele sempre o primeiro.

VI
Com sua arma na mão
Parece um vingador
Defendendo os inocentes
Sob as ordens do Senhor.

VII
Todo o povo lhe agradece
Sua grande valentia
Dando-lhe o justo valor
Com orgulho e alegria.

VIII
Grande tristeza é a dele
Nas horas de aflição
E as saudades aumentam
Dentro do seu coração.

IX
A tua mãe cá ficou
Chorando de noite e dia
Reza pelo teu regresso
Aos pés da Virgem Maria.

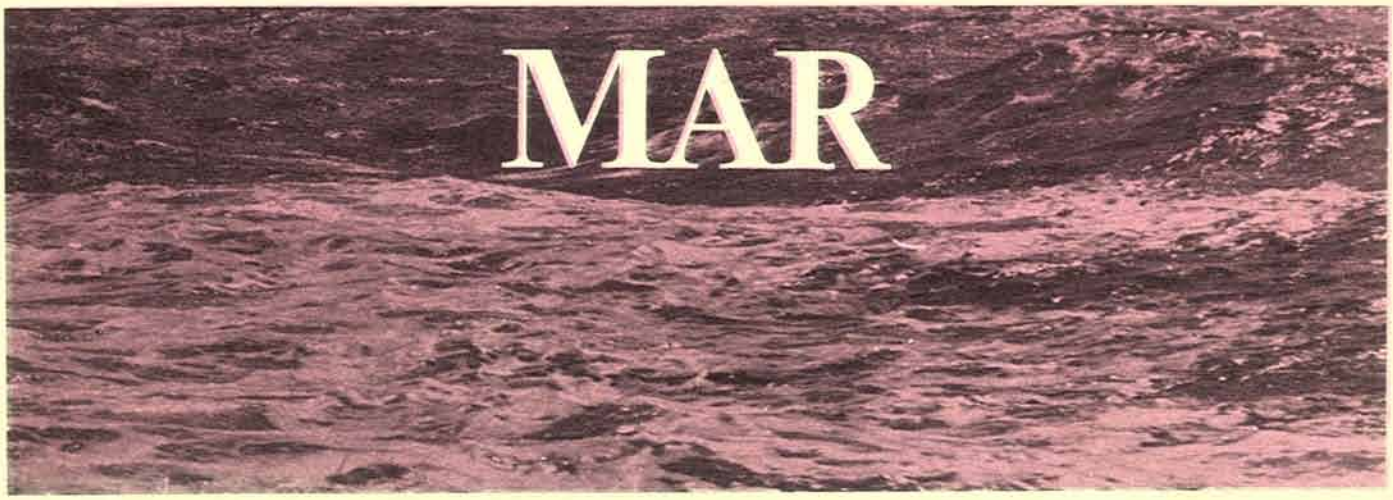
X
Mas o tempo vai passando
E breve vais regressar,
Já sentes no peito alegria
Da tua família abraçar.

XI
Ainda o barco vem longe
Já há multidão no cais
Já tu sentes a saudade
De abraçar os teus Pais.

XII
Mas no cais também se encontra
Tua adorada Maria
Esperando ansiosa
E chorando de alegria.

XIII
Assim é a tua vida,
Vida cheia de ilusões,
Amor, tristeza e ciúmes
Perigos, mortes, traições.

Luís António de Sousa
1.º-gr. T



(Foto de Liberto Carvalho, 1.º-gr. FZ)

Na margem triste e queimada,
está meu sonho salpicado de estrelas,
procurando novos rumos, novos céus.
Mar!, leva-o a par das rotas velas
para o teu ventre de espuma
e deixa-o criar raízes
entre destroços e mastaréus.
E quando de noite, fatigado, ele durma,
embala-o nos teus braços doces,
cobre-o com teu manto branco de sal.
E se chorar... une às dele as tuas lágrimas
geradas no mesmo pranto imortal.
Se tiver medo... conta-lhe lendas de marinheiros
que rasgaram tuas veias
com seus barcos de Esperança.
Não deixes que o seu medo ondeie e avance,
consente que na tua maré de paz ele descanse.

Mar!, aceita o meu sonho, eu te peço!
Tu que não tens fim nem tens começo...

Helena Miranda Coentro
Funcionária eventual da D. S. E. C.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Cadete RN Francisco Manuel Craveiro Duarte casou, em 4-11-72, com D. Ana Berta Gonçalves Nunes.

1.º-sarg. AEA Augusto Simões dos Santos casou, em 1-11-72, com D. Maria Noélia da Luz Rodrigues.

2.º-sarg. H José João Camões Gimbra casou, em 22-10-72, com D. Antónia da Conceição Maceiros Babau.

1782/68/Mar. E – José Francisco da Conceição Mendes casou, em 14-10-72, com D. Gisela Maria da Assunção Castro.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-frag. AN Fausto Melo Águia passou à Reserva Aa em 13-11-72.

1.º-ten. António Mel Ramalho da Costa Martins passou à Reserva Aa em 9-11-72, continuando na efectividade do serviço.

2.º-ten. SG José de Oliveira Gomes passou à Reserva Aa em 19-11-72, continuando na efectividade do serviço.

Sarg.-aj. L António Fernandes Gomes passou à Reserva Aa em 2-11-72.

Sarg.-aj. FZM José Freire Mimoso passou à Reserva Aa em 17-11-72.

Sarg.-aj. CM Joaquim Francisco Martins Valério passou à Reserva Aa em 25-10-72.

Sarg.-aj. C Lindolfo Ventura S. P. Dinis passou à Reserva Aa em 30-10-72.

Sarg.-aj. T Manuel Pedrosa Reis passou à Reserva Aa em 29-10-72.

1.º-sarg. A João de Matos passou à Reserva Aa em 14-11-72.

619/C. A – Francisco Cabrita Cabaço passou à Reserva Aa em 2-11-72.

1048/C. TFH – Joaquim Baptista Quaresma passou à Reserva Aa em 20-10-72.

APOSENTAÇÕES

João da Rosa Baptista Júnior, cabo-de-mar de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

João da Silva Tomás, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

António José Milho, contínuo de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

Com. RAa Frederico Jaime César Figueiredo da Cruz faleceu em 4-11-72.

1.º-ten. EMQ RF José Moreira da Fonseca faleceu em 22-11-72.

2.º-ten. SG RAa António Rodrigues Miguel Júnior faleceu em 5-11-72.

2.º-ten. SG RAa João Susano Lestro faleceu em 13-11-72.

Sarg.-aj. C RAa Raul de Oliveira faleceu em 23-10-72.

1.º-sarg. M RAa Leonel da Cruz faleceu em 23-10-72.

1.º-sarg. A RAa Manuel Maria Falcão faleceu em 8-11-72.

1000/C. aux. RAa – Januário Lopes faleceu em 5-11-72.

9532/Mar. A – José Pereira faleceu em 2-11-72.

1926/68/Mar. FZ – António Carlos de Jesus e Sousa faleceu em 7-11-72.

filatelia

O DIA DO SELO DE 1972

Comemorou-se em Portugal, no passado dia 1 de Dezembro, o 18.º Dia do Selo.

Como habitualmente nesta data, os CTT da Metrópole e do Ultramar aliaram-se às comemorações concebendo diversos carimbos comemorativos. Convém abrir aqui um parêntesis para perguntar: para quando um selo comemorativo do Dia do Selo? Só carimbos não basta, é preciso mais qualquer coisa.

Diversas mostras filatélicas de divulgação foram realizadas em Lisboa, Alhandra, Paço de Arcos e Miranda do Douro.

O principal acto comemorativo efectuou-se no Porto, onde estiveram presentes a um jantar de confraternização filatélica algumas altas individualidades do distrito e o presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, coronel Cardoso Salgado. Antecedendo o jantar foi inaugurada uma pequena exposição de divulgação filatélica.

TROCAS FILATÉLICAS

Desejam trocar selos: Major Costa Fernandes, S. P. M. 0936. Albino José Leitão, cabo R n.º 4937, N. R. P. «Comandante Roberto Ivens», Base Naval de Lisboa. José Manuel Marreiros, mar. L n.º 1576/8, S. P. M. 2081. João Manuel Matos, Rua Carvalho Araújo, 24, Damaia («tenho selos universais para trocar»). José Guilherme Moreira, Rua Raimundo de Carvalho, 95, Mafamude, Vila Nova de Gaia («dou carimbos comemorativos e franquias mecânicas por selos usados portugueses da Metrópole»).

Toda a correspondência sobre trocas filatélicas deve ser dirigida a António Vieira Pinto, Av. Fernão de Magalhães, 817, Porto.

António Vieira Pinto
Mar. A

NOVOS SELOS DA METRÓPOLE

Foi posta a circular no passado dia 15 de Novembro a há muito esperada Série Comemorativa do Cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro, realizada pelos ilustres marinheiros Sacadura Cabral, comandante do avião, e Gago Coutinho, navegador.

A série é constituída por quatro valores, com desenhos dos Serviços Artísticos dos CTT, estando presentes em dois deles os heróicos aviadores e um hidroavião sobrevoando o mar e nos outros a rota seguida na imortal viagem.

Trata-se, sem dúvida, de uma série de muito interesse, e para nós, marinheiros, de particular e justificado valor, pelo que a recomendamos.

Em 6 de Dezembro, apareceram mais quatro valores da nova emissão ordinária «Paisagens e Monumentos», também desenhados pelos Serviços Artísticos dos CTT, os quais representam a Universidade de Coimbra, a Misericórdia de Viana do Castelo, o cabo Girão, na ilha da Madeira, e o Jardim do Paço, em Castelo Branco.

Este novo conjunto enquadra-se perfeitamente no ideal do tema, e julgamos que será bem aceite não só pela filatelia portuguesa mas até pela de além-fronteiras.

G. Brandão
2.º-ten. SG

1.ª *Exposição Filatélica do Pessoal da Armada*

UMA SUGESTÃO EM MARCHA

Com a maior satisfação – e naturalmente indo ao encontro do desejo de todos aqueles que na Armada dedicam as suas horas de ócio à filatelia –, anunciamos que a «Revista da Armada» vai organizar a 1.ª Exposição Filatélica do Pessoal da Armada, e que esta se integrará nas cerimónias que hão-de assinalar o próximo Dia da Marinha.

Os nossos filatelistas saberão compreender e justificar o significado desta iniciativa, e estamos certos que tudo se irá fazer de maneira a que a nossa exposição marque uma presença digna entre todas as cerimónias que assinalam o DIA DA MARINHA.

Torna-se necessário a organização de uma comissão auxiliar, para o que se conta com a adesão dos nossos coleccionadores. Assim, lançamos daqui um apelo a todos os filatelistas da Armada para nos escreverem, anunciando o seu entusiasmo, para que, com a maior brevidade, se possa começar a tratar em pormenor de tudo o que uma manifestação desta índole forçosamente requer.

A grande notícia aqui fica; nós, confiadamente, aguardamos as vossas comunicações.

G. Brandão
2.º-ten. SG

XXIV FESTIVAL NÁUTICO DO C.N.O.C.A.

cerca de 70 embarcações pertencentes a 11 clubes emprestaram invulgar brilho às regatas de Vela

A vela proporciona imagens como estas, apesar do Sol não ter aparecido. Mais uma vez o C. N. O. C. A. esteve de parabéns pelo êxito do seu XXIV Festival Náutico!

Futebol Internacional no Alfeite

A equipa do C. E. F. A. prepara-se activamente para o Campeonato da Armada. Depois de ter vencido, em 7 de Novembro, a turma do «U. S. S. Springfield», por 9-2, averbou nova vitória frente a uma selecção da Esquadra dos Países Baixos no passado dia 11 de Novembro. Antes deste jogo as equipas posaram para o nosso repórter. Deixamos ao leitor o trabalho de identificar as duas formações sem necessitar de olhar para as camisolas!

FUTEBOL

Com elevado número de inscrições – 20 equipas –, começou a disputar-se no passado dia 7 de Dezembro o Campeonato de Futebol da Armada.

A primeira fase da prova realiza-se no sistema de *poule* numa só volta, estando as séries assim constituídas:

Série A – B. N. L., C. E. F. A., G. 2 E. A., D. S. A. e Flot. D/M.

Série B – E. F., Agrup. D/M, «Sagres», «João Belo» (A) e «Magalhães Corrêa» (B).

Série C – C. S. D. M., E. N., «Gago Coutinho», «Schultz Xavier» e «João Belo» (B).

Série D – G. 1 E. A., «Magalhães Corrêa» (A), «Maio», Museu de Marinha e Inst. Navais de Alcântara.

Como curiosidade registe-se o facto das fragatas «João Belo» e «Magalhães Corrêa» apresentarem duas formações.

O actual campeão, G. 1 E. A., é o natural favorito mas a Escola de Fuzileiros, C. S. D. M. e a «Sagres» terão as suas hipóteses.

Esperemos que as habituais desistências e desqualificações não venham tirar brilho a este torneio que se antevê disputadíssimo.

ACTIVIDADES DO C.N.O.C.A.

Como temos vindo a noticiar, o C. N. O. C. A. tem actualmente intensa actividade nas suas diversas secções. Eis um breve resumo de cada uma delas:

VELA

Realizou-se no passado dia 5 de Novembro o XXIV Festival Náutico, ao qual concorreram cerca de 70 embarcações filiadas em 9 clubes convidados e que foram os seguintes: A. N. L., B. N., C. N. L., C. O. L., C. V. B., C. S. P., M. P., G. D. P. A. e S. A. D.

As regatas efectuaram-se no traçado habitual do Mar da Palha, tendo-se sagrado vencedores das diversas classes as equipas seguintes:

«Cadetes» – J. Mota e J. Almeida – M. P.

«Moths» – J. Sacadura – B. N.

«Vauriens» – J. Freire e P. Freire – C. V. B.

420 – G. Branco e M. Alves – A. N. L.

«Finns» – Ortigão Ramos – M. P.

Outras classes – A. Santos e M. Pereira – B. N.

Estiveram em provas cerca de 130 velejadores que após as competições tiveram a oportunidade de confraternizar numa pequena festa realizada na sede do clube, onde foram distribuídas taças aos vencedores.

* * * * * * * * * * * * * * *

VOLEIBOL

Em curso o Campeonato Regional de Lisboa, após o 5.º lugar alcançado no Torneio de Abertura.

* * * * * * *

RÂGUEBI

Em curso o Campeonato Nacional da II Divisão, Zona B, ao qual concorrem 7 clubes. Últimos resultados:

Aranhas, 3 - C. N. O. C. A., 8

R. C. Barreiro, 6 - C. N. O. C. A., 10

* * * * * * * * * *

ANDEBOL

Em curso o Campeonato Regional da I Divisão. Últimos resultados:

C. N. O. C. A., 25 - Vendedores de Jornais, 20

C. N. O. C. A., 17 - Cova da Piedade, 14

Liga de Algés, 22 - C. N. O. C. A., 20

O C. N. O. C. A. ocupa actualmente o 5.º lugar da classificação geral.

TIRO

Secção criada recentemente, tem despertado o interesse de vários praticantes. De assinalar a excelente presença na recente Taça da Federação Portuguesa de Tiro onde, colectivamente, a equipa do C. N. O. C. A. ficou na segunda posição e individualmente obteve medalhas de prata por M. Fernandes (2.º lugar) e de bronze por Alvarenga Rua (3.º lugar).

DESPORTOS

P. Caeiro
Cap.-ten.

* CURIOSIDADES

EM MEMÓRIA DOS NOSSOS CAMARADAS

No castelo da cidade de Edimburgo, encontra-se uma placa – que reproduzimos – com a quadra que se poderá ler e cuja tradução é sensìvelmente:

Quando fores para casa
Fala-lhes de nós e dize-lhes:
«Pelo vosso amanhã
Demos nós o nosso hoje».

Refere-se aos escoceses mortos em combate.
Embora a tradução, que não rima, faça perder grande parte do seu sabor, o conceito mantém-se. E quanta actualidade ele tem, também, para os nossos militares!

Vosgien de Noronha
Cap.-m.-g.

EXPRESSÕES QUE O DINHEIRO TOMA

O dinheiro que uma pessoa recebe, mensalmente ou não, como pagamento de serviços prestados a outrém a título de recompensa ou ainda por qualquer outro motivo tem, na língua portuguesa, diversas denominações. Apresentamos aqui algumas das mais correntes: ordenado, soldo, dividendo, pensão, indemnização, emolumentos, renumeração, comissão, salário, gorjeta, reforma, gratificação, soldada, percentagem, direitos de autor, juros, mensalidade, pré, vencimento, honorário, féria, jorna, duodécimo, subsídio, comparticipação, dote, contribuição, diuturnidade, herança, recompensa, abono, ajuda de custo, anuidade, tensa, renda, percebimento.

Apresentado por M. Horta
Sarg.-aj. L

CURIOSIDADES NUMÉRICAS

O número 142857 é um número misterioso porque todos os seus algarismos aparecem no total quando multiplicado como segue:

142857 × 2 = 285714
142857 × 3 = 428571
142857 × 4 = 571428
142857 × 5 = 714285
142857 × 6 = 857142

mas multiplicado por 7 dá:

142857 × 7 = 999999

$$9^{9^9}$$

Este número representa o algarismo nove levantado à nona potência de nove, isto é, nove levantado a 387 420 489. Este número é o maior total que se pode obter por uma expressão representada por 3 algarismos.
O resultado desta potência conterá 369 milhões de algarismos. Admitindo o comprimento de uma polegada para se escrever 5 algarismos a extensão de todo o resultado teria 1164 milhas e a vida humana seria tristemente insuficiente para se cumprir tal tarefa.

$$\begin{array}{r} 123456789 \\ 987654321 \\ 123456789 \\ 987654321 \\ + \quad\quad 2 \\ \hline 2222222222 \end{array}$$

B. Carreira
Cap.-m.-g. RAa

CONFRATERNIZAÇÃO DE ALUNOS MARINHEIROS DO 2.º ALISTAMENTO DE 1939

No passado dia 1 de Novembro, os alunos marinheiros do 2.º alistamento na Armada de 1939 comemoraram o 33.º aniversário do seu ingresso na Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira. Para o efeito e como vêm fazendo há anos, reuniram-se num almoço de confraternização num restaurante típico da capital, tendo assistido ao repasto muitos convivas. Do citado alistamento fazem parte e estiveram presentes militares da Armada e da Aeronáutica, funcionários públicos, industriais, comerciantes e outros.

No decorrer da reunião foram evocados os nomes dos que já morreram, pelos quais foi guardado um minuto de silêncio, sendo posto em evidência o nome do então sargento Vinagre, recentemente falecido no posto de capitão-tenente, que foi instrutor do referido alistamento.

A ARMADA LEMBRA OS SEUS MORTOS NO ULTRAMAR

Em 2 de Novembro, Dia de Fiéis Defuntos, em todas as unidades dispondo de capelão próprio, foram celebradas missas em memória dos militares da Corporação falecidos no Ultramar.

No Ministério, a missa foi rezada na Capela de S. Roque pelo capelão graduado em capitão-de-fragata Ferreira de Melo, tendo assistido o ministro da Marinha; chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e esposa; director do Instituto Superior Naval de Guerra, contra-almirante Sequeira Araújo; superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco; chefe do gabinete do ministro da Marinha, contra-almirante Monteiro de Barros; vários oficiais e seus familiares.

PRESENÇA DE MARINHEIROS FRANCESES EM LISBOA

Marinheiros franceses embarcados no porta-helicópteros «Jeanne d'Arc» e na fragata «Victor Schoelcher» visitaram o nosso porto de 30 de Outubro a 3 de Novembro. Recepções, visitas, passeios e competições desportivas assinalaram a estada entre nós dos marinheiros da Armada de França, que quiseram prestar homenagem aos navegadores portugueses numa cerimónia que decorreu em Belém, junto do Padrão dos Descobrimentos.

A este acto assistiram o embaixador de França; o ministro da Marinha; o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; o comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; o comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes; o cônsul e o adido naval franceses; comandantes e oficiais dos navios e outros oficiais da Armada.

Perante as entidades presentes, o comandante do «Jeanne d'Arc», capitão-de-mar-e-guerra Gérard de Castelbajac, depôs um ramo de flores na base do monumento, enquanto as forças em parada apresentavam armas e a Banda da Armada tocava o hino nacional francês e seguidamente o hino nacional português.

ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

No dia 6 de Novembro, Sua Excelência o Presidente da República presidiu à sessão solene de abertura do ano lectivo no Instituto Superior Naval de Guerra.

Presentes os ministros da Defesa Nacional e da Marinha; secretários de Estado da Aeronáutica e do Exército; altas entidades e patentes dos três ramos das Forças Armadas. O director do Instituto, contra-almirante Sequeira Araújo, proferiu uma alocução, tendo estado a lição inaugural a cargo do professor Adriano Moreira, que a subordinou ao tema «Os projectistas da Paz».

Por Sua Excelência o Presidente da República foi feita a entrega de prémios aos alunos que mais se distinguiram no ano lectivo anterior, cabendo ao capitão-de-mar-e-guerra Vasco Rodrigues o Prémio Almirante Américo Thomaz e ao 1.º-tenente fuzileiro Teixeira Machado o Prémio Almirante Botelho de Sousa.

VISITA AO MUSEU DE MARINHA

Pelas 10 horas do dia 9 de Novembro, o ministro da Marinha, numa visita informal de trabalho, deslocou-se ao Museu de Marinha para, *in loco*, apreciar problemas do tipo que afectam genèricamente todos os departamentos do seu Ministério e que já se tornou uso denominá-los por «crise de crescimento».

Passou a manhã percorrendo todo o recinto dado ao Museu de Marinha, apreciando devidamente as deficiências e carências que lhe iam sendo indicadas pelos presentes e tirando, pelo conhecimento directo das coisas, as melhores premissas para uma boa conclusão e sequente necessária solução.

ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NA ESCOLA NAVAL

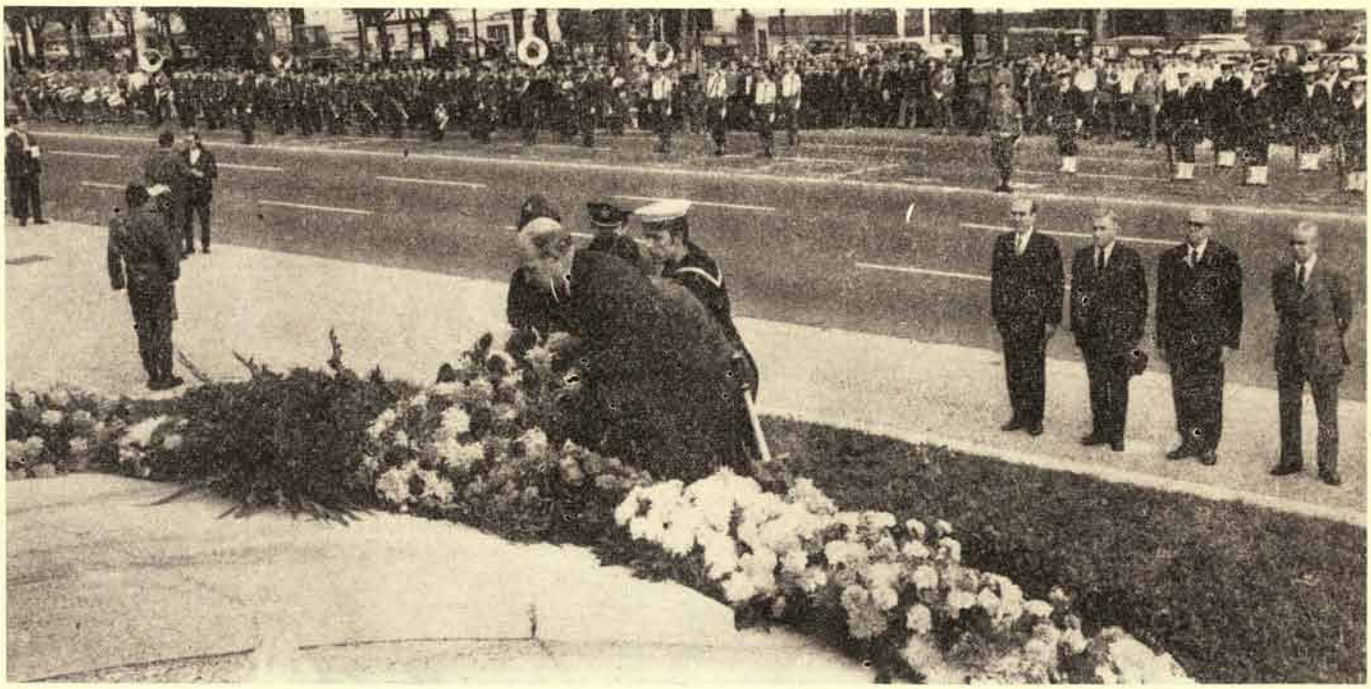
Sua Excelência o Presidente da República presidiu em 10 de Novembro à cerimónia de abertura solene do ano lectivo na Escola Naval.

Presentes o embaixador do Brasil; ministros da Marinha e do Ultramar; secretários de Estado do Exército, da Aeronáutica e da Juventude e Desportos; altas autoridades e entidades e oficiais dos três ramos das Forças Armadas.

Foi efectuada a distribuição de espadas aos aspirantes finalistas, tendo proferido uma alocução alusiva o capitão-tenente Vieira Matias.

Na sessão solene de abertura, o comandante da Escola, comodoro Barahona Fernandes, fez também uma alocução, após o que o capitão-tenente Fuzeta da Ponte proferiu a lição inaugural, subordinada ao tema «A navegação e o tempo».

Procedeu-se depois à distribuição de prémios aos alunos mais classificados no ano lectivo anterior, tendo Sua Excelência o Presidente da República inaugurado uma exposição de fotografias obtidas pelos alunos durante as suas viagens de instrução.



COMEMORAÇÕES DO DIA DO ARMISTÍCIO

Relembrando o dia da assinatura do armistício que pôs termo à Primeira Guerra Mundial, realizaram-se em 11 de Novembro em todo o País diversas cerimónias de homenagem aos antigos combatentes.

Em Lisboa o acto principal das solenidades teve lugar junto do Monumento aos Combatentes, na Avenida da Liberdade, e foi presidido pelo ministro da Defesa Nacional e Exército, estando presentes os ministros da Marinha e do Ultramar; secretários de Estado do Exército e da Aeronáutica; governador civil e presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Aquele membro do Governo depôs um ramo de flores na base do monumento enquanto as forças em parada apresentavam armas e era executado o hino nacional, terminando a cerimónia com o desfile das forças.

HOMENAGEM DOS MARINHEIROS ARGENTINOS AOS NAVEGADORES PORTUGUESES

O navio-escola «La Argentina», da Armada argentina, visitou Lisboa de 7 a 11 de Novembro. A sua guarnição prestou homenagem aos navegadores portugueses, em Belém, onde o comandante do navio, capitão-de-mar-e-guerra D. Luis Manuel Casanova, depôs uma coroa de flores na base do Padrão dos Descobrimentos.

Estiveram presentes a esta cerimónia o embaixador da Argentina; ministro da Marinha; chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes; altos funcionários da Embaixada daquele país e oficiais das Armadas argentina e portuguesa.

INAUGURAÇÃO DUMA ESTÁTUA A SACADURA CABRAL

No dia 15 de Novembro, Sua Excelência o Presidente da República inaugurou uma estátua ao capitão-de-fragata Sacadura Cabral, erguida num jardim da sua terra natal, Celorico da Beira. O Chefe do Estado deslocou-se àquela localidade na companhia do vice-presidente da Assembleia Nacional, do embaixador do Brasil, dos ministros do Interior, da Marinha e da Educação Nacional, dos secretários de Estado da Aeronáutica e da Agricultura e de alguns membros da Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da Primeira Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro, que foram recebidos pelo governador civil, bispo da Guarda e outras individualidades.

Terminada uma sessão solene realizada no salão nobre dos Paços do Concelho, efectuou-se a sessão de inauguração do monumento, na qual usaram da palavra o dr. Lourenço da Silva, vice-presidente da Comissão Concelhia das Comemorações, o comodoro Malheiro do Vale, em nome da Comissão Nacional das Comemorações, e o prof. Gama e Silva, embaixador do Brasil.

Findo o acto de inauguração, Sua Excelência o Presidente da República seguiu para a igreja matriz de Santa Maria, onde D. Policarpo da Costa Vaz, bispo da Guarda, celebrou missa de sufrágio pelos heróis da travessia aérea.

A FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA VISITADA PELO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

No passado dia 20 de Novembro, o ministro da Defesa Nacional visitou a Fábrica Nacional de Cordoaria, onde foi recebido pelo ministro da Marinha; chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; superintendente dos Serviços do Material, contra-almirante Santos e Silva; director da Fábrica, comodoro Jacinto Pereira, e oficiais que lá prestam serviço.

Aquele membro do Governo percorreu atenta e demoradamente as oficinas que constituem o complexo fabril, a secção comercial adstrita e a creche, tendo almoçado com as entidades presentes e pessoal da fábrica nas instalações da messe dos oficiais.

SESSÕES ESPECIAIS NO PLANETÁRIO

Subordinadas ao tema da celebração do IV centenário da publicação de «Os Lusíadas», realizaram-se, nos dias 24 e 27 de Novembro e 4, 18 e 28 de Dezembro, sessões especiais no Planetário Calouste Gulbenkian dedicadas à viagem de Vasco da Gama, que culminou o nosso grandioso esforço das descobertas e que é o tema fundamental do citado poema épico, imortal obra de Camões.

Certamente pela primeira vez, por intermédio do planetário, foi possível o espectador ser transportado às efemérides astronómicas daquela época, o que, diga-se de passagem, criou um sentimento de realidade inacreditável a quem assistiu e se integrou no que foi exposto.

«O Planetário permite dispor do céu», foi o que nos veio à mente ao assistir ao espectáculo-lição que lá se realizou.

A sessão do dia 24 de Novembro foi dedicada a Sua Excelência o Presidente da República, membros do Governo e altas individualidades nacionais.

OPERAÇÕES DE REABASTECIMENTO DE COMBUSTÍVEL NO MAR PELO NAVIO-PETROLEIRO «S. GABRIEL»

O N. R. P. «S. Gabriel», após intenso período de exercícios no Ultramar e no Continente, concluiu a sua preparação para reabastecimento de combustíveis no mar, podendo agora operar com todos os tipos e classes de escoltas oceânicos da nossa Armada.

Os últimos treinos incluíram o reabastecimento à popa, o reabastecimento simultâneo de dois escoltas e, por fim, o reabastecimento simultâneo de três escoltas, com dois pelo través e um à popa. Foi praticado, também, o reabastecimento à popa com reboque lento e curto, sistema em uso na Marinha soviética.

Para apreciação do nível de treino numa operação de reabastecimento simultâneo de três escoltas, embarcaram recentemente no «S. Gabriel» o comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, o vice-chefe do Estado-Maior da Armada, contra-almirante Tierno Bagulho, e o superintendente dos Serviços do Material, contra-almirante Santos e Silva. Tomaram parte na operação as fragatas «Almirante Gago Coutinho» (capitão-de-fragata Garcez de Lencastre), «Almirante Magalhães Corrêa» (capitão-de-fragata Elias da Costa) e «Pero Escobar» (capitão-de-fragata Turíbio de Abreu) e o navio-petroleiro «S. Gabriel» (capitão-de-fragata Pacheco Pinto).

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

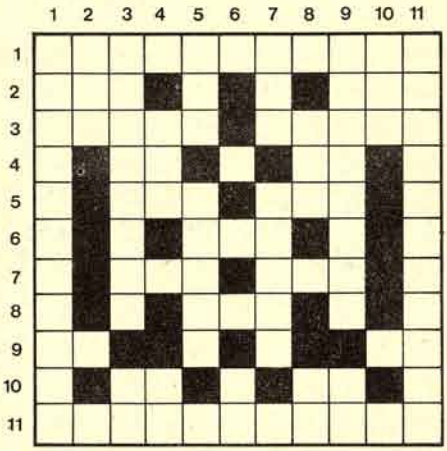
Continuamos a apresentar, extraído da publicação anteriormente citada, mais um problema:

Certa vez, num piquenique, alguém a quem deram uma lata de cerveja pretendeu pousá-la no chão antes de a beber. O chão era inclinado e a pessoa em causa, pensando melhor, achou que deveria beber parte da cerveja (a lata já estava aberta) para baixar o centro de gravidade e correr assim menos riscos de ver a lata tombar e derramar o líquido. É claro que, sendo a lata cilíndrica e estando cheia, o centro de gravidade está no eixo do cilindro a meia altura. Quando se bebe a cerveja o centro de gravidade vai baixando com o líquido, mas, quando se beber toda, o centro de gravidade volta a ficar no centro da lata. Há portanto, uma certa quantidade de cerveja que fará baixar o centro de gravidade o mais possível.

Qual será então a altura do líquido que ocasiona isso? O problema é acessível através do cálculo. Será preciso exprimir a altura do centro de gravidade em função da altura da cerveja, diferenciar, igualar a zero e resolver para o mínimo valor de altura do centro de gravidade. Mas o problema pode resolver-se muito mais fàcilmente sem recurso ao cálculo. Resolva-o por exemplo para o caso concreto de uma lata de cerveja inglesa que pesa vazia 1,5 onças e contém 12 onças de líquido (portanto com o peso total de 13,5 onças). A lata tem 8 polegadas de altura.

PALAVRAS CRUZADAS

(PASSATEMPO N.º 16)



HORIZONTAIS: 1 – Pretensa arte de adivinhar pela evocação de pessoas mortas. 2 – Nome de mulher; hora canónica (inv.). 3 – Lanugem de certos frutos; forma do verbo anular. 4 – Elas; outra coisa. 5 – Pêlo de certos animais; cidade de Espanha. 6 – Palhota de indígenas. 7 – Saudáveis; nome de uma antiga canhoneira. 8 – Partícula carregada de electricidade. 9 – Nota musical; vogal (pl.). 10 – Forma do verbo dar; algarismo. 11 – Que aviva a memória.

VERTICAIS: 1 – Estudo ou descrição dos corpos mortos. 2 – Duração sem fim. 3 – Acção que altera a velocidade de uma reacção química pela influência de uma determinada substância que não sofre qualquer transformação química permanente; contr. prep. e artigo. 4 – Parte lateral das narinas; ante meridiano. 5 – Germe; pessoa muito parecida com outra. 6 – Nome de letra. 7 – Ide embora; língua da América. 8 – Navio antigo; nome antigo da nota musical dó. 9 – Relativo ao caule; nota musical. 10 – Anagrama de lio. 11 – Transformação das rochas caracterizadas pela formação de minerais complexos à custa de minerais mais simples.

C. Pinto

1.º-sarg. H

(Solução na página 34)

PASSATEMPO

F _ _ _
I _ _ _ _
_ _ Ã _ _ _ _ _ _ _ _
_ E _ _
_ _ _ _ _ S _ _ _ _
_ _ _ V _ _ _
_ _ _ I _ _ _ _ _
_ L _ _ _ _ _ _
_ _ A _ _
_ _ _ D _ _ _
_ A _ _ _
_ _ _ F _ _
_ _ E _ _ _
_ _ I _ _
_ _ _ R _ _
_ A _ _ _ _ _ _ _

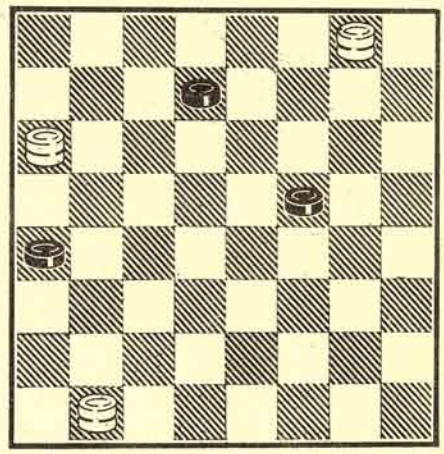
Substituindo os traços por letras encontra nomes de navios da nossa Armada.

J. Ferreira

(Solução na página 34)

Mar. Q

DAMAS



As brancas jogam e ganham em quatro lances.

(Solução na página 34)

ESTA PASSOU-SE

Num encontro que tive com o director do Museu Marítimo de Barcelona aconteceu ele contar-me a seguinte história garantida como autêntica.

Uma esquadra americana visitou o porto de Barcelona em data que não interessa para o caso.

Comandava-a um almirante. O chefe do seu estado-maior era um «captain» muito amigo de Baco, deus do vinho, e inimigo figadal da malfadada lei seca. Como certamente todos sabem, a bordo dos navios de guerra americanos, entrar uma garrafa de bebida alcoólica é uma coisa mais feia do que bater na mãe.

O pobre senhor, obrigado a cumprir tão drástica imposição, passava horrores esperando a primeira oportunidade para dar uma escapadela até ao primeiro bar que encontrasse no caminho de uma terra generosa, com vinho e bebidas alcoólicas de todas as qualidades e em todas as direcções, que faziam as suas delícias. Depois da volta aos serviços, o senhor, em Barcelona, andava como peixe dentro de água.

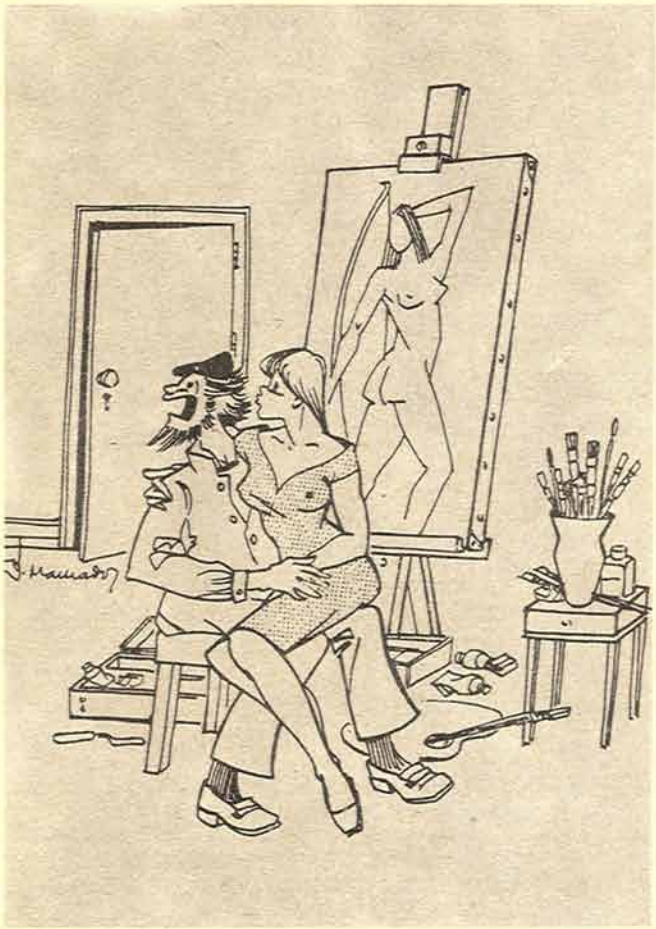
Também era frequente, usando o seu fino humor, fazer espírito sobre a bárbara imposição da lei seca americana.

Ora aconteceu que o almirante americano, acompanhado do seu chefe do estado-maior e demais oficiais, visitou o Museu Marítimo da cidade.

Andaram a observar e apreciar tudo e, quando chegaram em frente de uma curiosa colecção de garrafas de vinho, tendo dentro modelos de navios, construídos pela paciência e habilidade de velhos marinheiros, o chefe do estado-maior, virando-se para o almirante, exclamou:

– Olhe, almirante, isto é que é um povo! Meteu navios dentro de garrafas de vinho e nós, nós, não somos capazes de meter uma garrafa de vinho dentro de um navio!

Capt. Zuzara



Depressa, despe-te! Parece que vem aí a minha mulher!

CONCURSO N.º 16

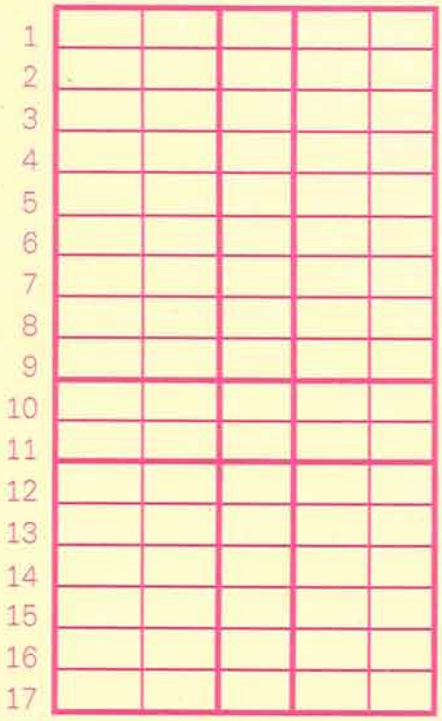
Sorteio de um prémio entre as respostas certas

C A C O S T F I L E O S T U B A C I A B
A I E I B A P A R G O T A R O T A U R F
P D N N L I D A C A V I T P E S C A D A
E A R H C O V O L S O L O S O I A P G E
S I E N A S A P U O R A G E L A R A H L
C A H O R A S C O N S V I M B E P R I A
A O C S E M A T U R T O S S E K J A U O
I A O A I A N Z O L O H C A L I A C I V
T M I O S A R T I A R C A R O N D A S I
D L R E I G L A U I O N A D M S O A A U
T A O I N O R I A S D A S I A T E T L R
I S S A I I O A Z A S A T N R O U S A I
D O N C A V A L A P A I N H I A Q M E A
A S M M T O T A R O L N S A N T N S N O
T S E E I L S B O P E S O O H I E A G A
A U L I M A A U G T D A T T O C R I U S
N I A O S S L T T U O O O S T I A R I O
T U T A I N H A S A O R T A A I P O A O
O P I S N H O S E T O D A U G N I L P E
S A N T I O S U L A S E L R A O A A I S

Procure em todos os sentidos, menos obliquamente, os nomes de 15 peixes.

B. Carreira
Cap.-m.-g. RAa

PILHA DE PALAVRAS



1 – Primeira luz da manhã
2 – Anfiteatro
3 – Armadura completa de um guerreiro antigo
4 – Quadris
5 – Da Alemanha
6 – Torrar
7 – Classes
8 – Com asas
9 – Uso errado, excessivo
10 – Atrevido
11 – Dá como desculpa
12 – Equipar
13 – Fruto
14 – Tapeçaria antiga para ornar paredes
15 – Taxa que pagavam à autoridade eclesiástica os que recebiam um benefício
16 – Admoestação
17 – Cidade italiana

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de um oficial de Marinha que foi escritor de grande valor e que viveu grande parte da sua vida no Japão, onde morreu.

Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «A».

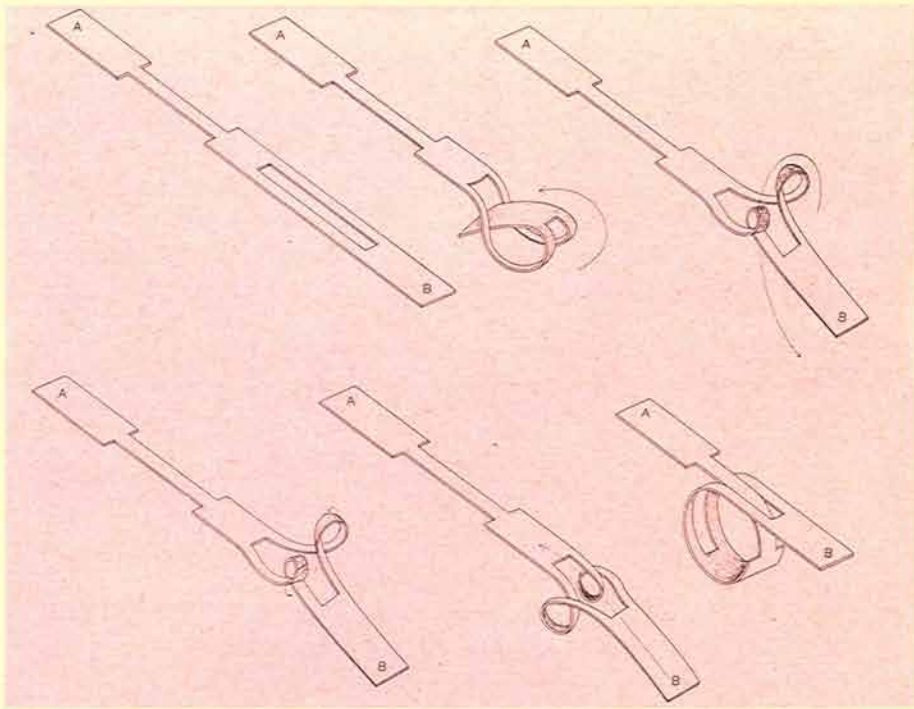
Carlos Barros

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Solução do problema publicado no número anterior)

A solução para o problema da volta na fita com ranhura está indicada nas sucessivas etapas que a figura mostra.



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Necromância. 2 – Eva; aon. 3 – Cotão; anula. 4 – As; al. 5 – Las; Tui. 6 – Oca. 7 – Sãs; Ibo. 8 – Ion. 9 – Fa; is; 10 – Da; um. 11 – Anamnéstico.

VERTICAIS: 1 – Necrografia. 2 – Evo. 3 – Catálise; da. 4 – Asa; am. 5 – Ovo; sósia. 6 – Vê. 7 – Ala; taino. 8 – Nau; ut. 9 – Caulinos; mi. 10 – Iol. 11 – Anamorfismo.

PASSATEMPO

«Fogo», «Sírius», «João Coutinho», «Vega», «Porto Santo», «Corvina», «Cimitarra», «Alabarda», «Brava», «Mandovi», «Marte», «Delfim», «Azevia», «Orion», «Sagres» e «Barracuda».

DAMAS

1 – g8 – f7	d7 – c6
2 – a6 – b5	f5 – e6
3 – f7 x b7	a4 x a8
4 – b1 – C2	e ganham.

PILHA DE PALAVRAS

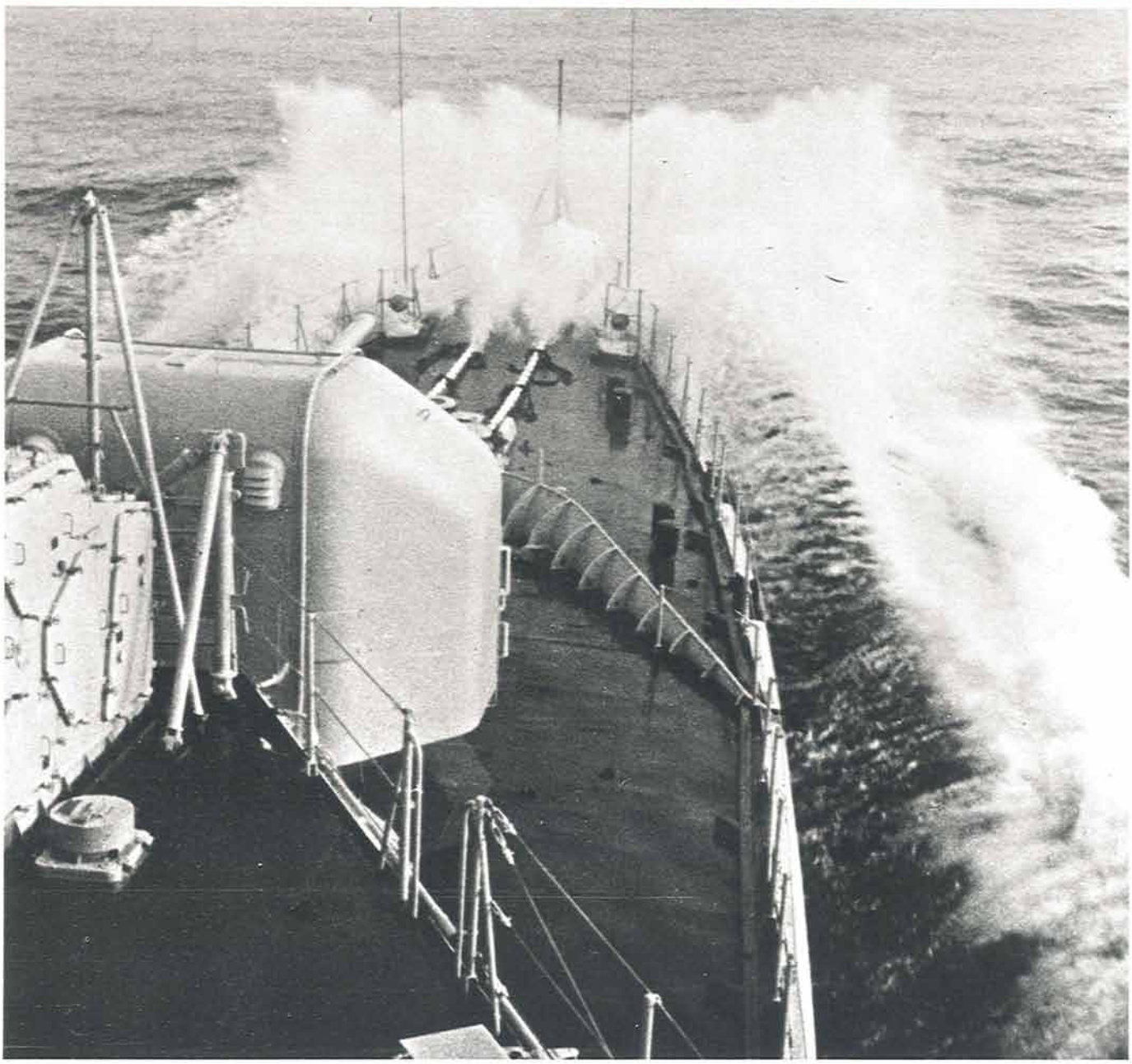
1 – Alvor. 2 – Arena. 3 – Arnês. 4 – Ancas. 5 – Alemã. 6 – Assar. 7 – Aulas. 8 – Alado. 9 – Abuso. 10 – Audaz. 11 – Alega. 12 – Armar. 13 – Amora. 14 – Arrás. 15 – Anata. 16 – Aviso. 17 – Assis.
(Venceslau de Morais)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 14

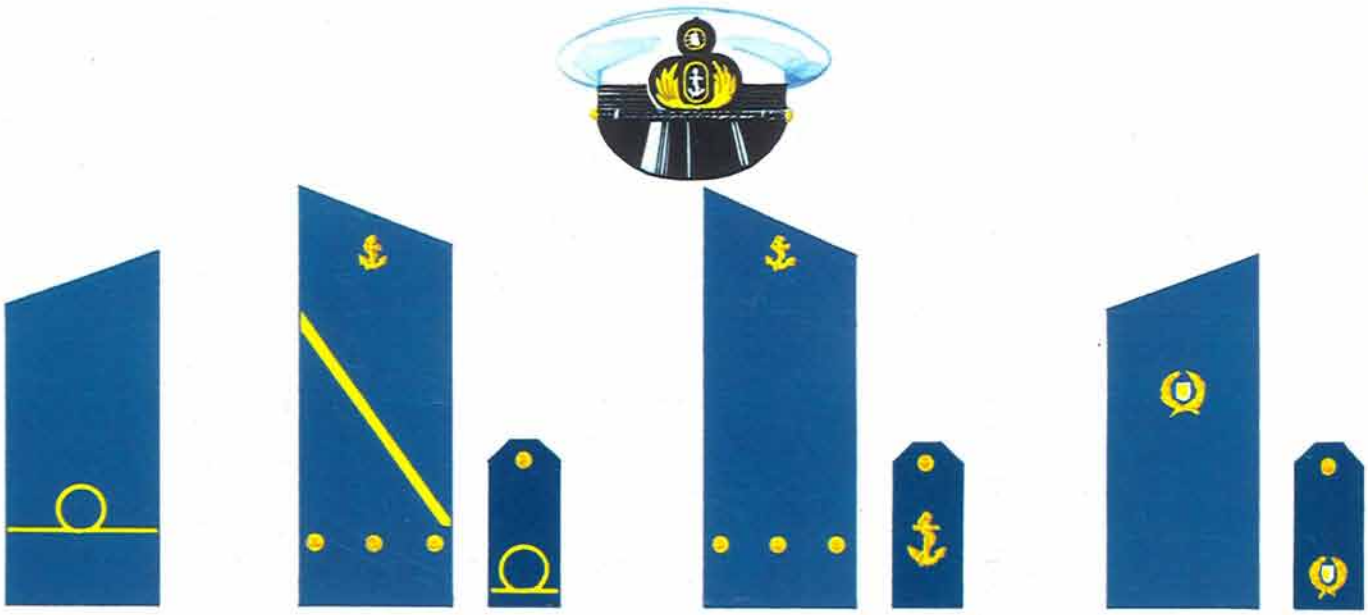
Canal do Panamá.
VENCEDOR: Não houve nenhuma resposta certa.

TODA A FORÇA AVANTE

(Foto do asp. J. Fernandes)



Postos e Graduações



ASPIRANTE A OFICIAL
(Quadros do Complemento)

ASPIRANTE A OFICIAL
(Escola Naval)

CADETE

SARGENTO-AJUDANTE

PRIMEIRO-SARGENTO

SEGUNDO-SARGENTO

SUBSARGENTO
(Quadros do Complemento)

CABO

MARINHEIRO

F. MARQUES SILVA – Des. do Q.P.C.M.M.